ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

SUMARIO

NUMERO 10 JUNHO - 1945

ADMINISTRAÇÃO

Diretor
Sylvia de Leon Chalreo

Gerente
Durval Alvarez Serra

Redator-Chefe
Dias da Costa

Secretária
Maura de Sena Pereira

REDAÇÃO
Rua Lavradio, 55 - Sala 12
Rio de Janeiro

ENDEREÇO
Caixa Postal 2013
Telegrama ELP
Rio de Janeiro

OFICINA
"Vida Turfista"
Rua Sacadura Cabral, 183
Rio de Janeiro

PREÇO
Cr$ 2,00
Número atrazado: Cr$ 3,00

O GRANDE LIDER NACIONAL

LUIZ CARLOS PRESTES

TRAÇOS BIOGRÁFICOS
DE
LUIZ CARLOS PRESTES

Luiz Carlos Prestes nasceu em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, no dia 3 de janeiro de 1898. Foram seus pais o então tenente Antonio Pereira Prestes e Dona Leocadia Felizardo Prestes. Seu pai, discípulo de Benjamim Constant, na famosa Escola Militar da Praia Vermelha, teve atuação destacada nos primórdios da implantação do regime republicano. Morreu prematuramente no posto de capitão de Engenharia, havendo, por conseguinte, pertencido ao nosso Exército, a êsse Exército que, como recorda Luiz Carlos Prestes, "desde 1888 tem estado, em geral, ao lado do nosso povo, e muitas vezes à sua frente, em lutas pelo nosso progresso social".

D. Leocadia Felizardo Prestes — "La Madre Heroica" — falecida o ano passado no México, está hoje na memória e admiração de todos os povos do universo.

Orfão de pai ao dez anos de idade, Luiz Carlos Prestes tinha sôbre os ombros grandes responsabilidades. Em companhia de sua mãe e de suas irmãzinhas vive, então, a tragédia de uma família da classe média em luta contra a pauperização.

O esfôrço, a tenacidade, o estudo e o talento e, de outra parte, o apôio decidido que lhe dá D. Leocadia, asseguram a Prestes os primeiros triunfos pessoais. Conclui o curso primário em uma escola pública do Distrito Federal, cuja diretora é uma mulher também de real valor, D. Leonor Posada, e ingressa, em 1910, no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Em sua passagem pelo Colégio Militar obteve novos triunfos e também injustiças, o que leva um de seus biógrafos, o coronel J. Rodrigues, a escrever: "Havia curiosidade de saber quais eram os me-

DISCURSO DE LUIZ CARLOS

PRONUNCIADO NO COMICIO DE 23 DE

Brasileiros! Trabalhadores!
Povo Carioca!
Digníssimos senhores representantes dos povos irmãos!
Prezadíssimos Camaradas das delegações estrangeiras!
Queridos amigos e amigas da gloriosa Aliança Nacional Libertadora!
Companheiros e companheiras do Partido Comunista!
Amigos e companheiros!

É com a mais funda emoção que participo desta festa em que o povo essencialmente democrata e anti-fascista de nossa querida cidade festeja a primeira grande vitória da democracia em nossa terra.

A anistia foi, sem sombra de dúvida, uma conquista do povo de homens, mulheres e crianças unidas pelo coração num sentimento que se tornou paixão, numa idéia que se fez fôrça.

Êstes meses de luta pela anistia trouxeram uma alegria nova ao coração dos cariocas mais velhos. Pais e avós recordaram as passadas lutas pela democracia — seus filhos e netos que ainda não tinham podido conhecer na prática a força do povo organizado, mostraram-se em poucos dias dignos das melhores tradições de nosso povo. Mas a anistia foi também uma conquista dos nossos marinheiros e aviadores, e dos rapazes queridos da nossa Força Expedicionária. Foi lutando lá na Itália contra o inimigo nazista que êles melhor ajudaram o nosso povo na marcha para a Democracia. Lutaram pela anistia enfim todos aquêles que no mundo inteiro lutaram contra o nazismo, desde os heróicos soldados das Nações Unidas, os gigantes de Stalingrado, os valentes de El Alamein, os bravos de Gualdacanal, os heróis de Shangai, de Yunan, de Shangshá, até os guerrilheiros de Tito, da resistência francesa, da libertação italiana e os milhões de sêres humanos que resistiam com energia e dignidade nos cárceres do fascismo de todo o mundo.

Pela anistia lutaram ainda, durante anos seguidos, os trabalhadores irmãos não só na América como também na Europa — os franceses do "Front Populaire", o povo heróico da Espanha Republicana nas vésperas ainda do ataque traiçoeiro de julho de 1936. Os povos irmãos de todo o Continente, tendo à frente os homens de maior prestígio popular, fizeram da luta pela anistia no Brasil uma luta própria, bandeira de unidade no bom combate pela democracia, contra o fascismo e a quinta-coluna.

A todos a homenagem de nosso reconhecimento e admiração.

Mas a anistia foi obra também de nosso govêrno, deste mesmo govêrno que dando volta atrás nas suas tendências inaceitáveis para o povo, vencendo dificuldades mil criadas sempre pelos reacionários que o comprometiam e que, infelizmente em grande parte ainda o comprometem, preferiu ficar com o povo — cortar relações com o Eixo, declarar-lhe guerra, estabelecer relações com o Govêrno Soviético e finalmente abrir as prisões e revogar na prática as restrições à democracia mais sensíveis ao nosso povo.

Honra aos homens de govêrno que sabem ficar com o povo e evitar por superior patriotismo o dilaceramento terrivel das guerras civís!

Brasileiros! Trabalhadores!
Companheiros e companheiras!

Depois de tantos anos de prisão e isolamento bem podeis imaginar a satisfação com que vos dirijo a palavra.

Falo na qualidade de membro e dirigente do único partido político verdadeiramente nacional que já existiu e existe em nossa terra.

Sabeis, cariocas e brasileiros, que sou comunista.

O Partido Comunista do Brasil é o meu partido. Foi êle o organizador e dirigente do glorioso movimento da Aliança Nacional Libertadora — frente única dos patriotas e democratas que em todo

o Brasil se uniram para impedir a fascistização de nossa terra. Na luta cruenta e desigual caimos lutando, mas, como já previamos e sempre acontece quando se procede com sinceridade e honestidade, o que em 1935 parecia ser uma derrota esmagadora foi de fato a vitória que agora festejamos.

Evoquemos a memória dos que cairam na luta, dos que não puderam resistir fisicamente às brutalidades policiais e aos duros anos de cárcere. Foram êles os precursores de nossos soldados, dos filhos queridos do nosso povo que honrando as melhores tradições do nosso Exército deram seu sangue e suas jovens vidas em holocausto pela honra e pela independência da Pátria. Glória eterna aos que tombaram na luta contra o nazismo, a quinta-coluna e o integralismo! Seu exemplo não será por nós esquecido e ajudará sempre o nosso povo a vencer todos os obstáculos e tôdas as resistências que se apresentem no caminho da democracia, do progresso do Brasil e da união, independência e bem-estar do nosso povo.

Depois de mais de uma dezena de anos de terror fascista, em que as prisões do mundo inteiro estiveram cheias de anti-fascistas de tôdas as classes, em particular dos mais dedicados filhos da classe operária, foi afinal o nazismo obrigado a capitular ante os soldados das democracias do mundo inteiro. A derrota militar foi sem dúvida esmagadora e definitiva, na Europa ao menos. "De agora em diante ondulará sôbre a Europa a bandeira que nos é tão querida: a bandeira da vitória dos povos e da paz entre as nações". (Stalin).

Mas a vitória militar não basta. Já o estamos vendo. O fascismo corrompeu e envenenou o mundo inteiro — seus restos meio mortos, meio vivos, são ainda perigosos e precisam ser removidos, arrancados de raiz. Está em nossas mãos esta obra — a liquidação moral e política, definitiva e completa da grande peste. Não esqueçamos o sangue derramado e continuemos de maneira conciente e enérgica, sem vacilações, a luta pela democracia, contra a bárbarie, até o esmagamento definitivo, moral e político, do nazi-fascismo, da quinta-coluna e de todos os seus agentes no mundo inteiro.

Festejamos a paz, mas sentimos que a própria paz exige de nós esforços novos para que seja mantida, aqui, em nossa terra, e no mundo inteiro.

A vitória militar foi alcançada pela unidade, pela colaboração fraternal dos povos amantes da democracia, em particular pela aliança sincera e honesta das duas grandes democracias capitalistas com a democracia do proletariado.

Foi a obra gigantesca dos três maiores estadistas de nossa época — o presidente Roosevelt, o primeiro ministro Churchill e o marechal Stalin. Graças a êles e à conciência esclarecida de seus povos não tiveram resultado durante a guerra as manobras e tentativas divisionistas dos hitleristas e de todos os seus agentes espalhados pelo mundo. Contra os pessimistas de todos os tempos, os céticos e os descrentes, a colaboração das três grandes potências foi possível para a guerra e foi na base dessa cooperação que a guerra foi levada a bom termo e a vitória alcançada da maneira mais rápida e decisiva, esmagadora e definitiva. É que a aliança das três grandes nações se baseava, não em motivos acidentais ou temporários, mas em interêsses vitais e permanentes. E são êsses mesmos interêsses, vitais e permanentes, objetivos e fundamentais, que asseguram, agora, mais do que antes, a possibilidade de que elas continuem juntas para a paz, para o período histórico que se inicia de desenvolvimento pacífico para os povos do mundo inteiro. Não nos deixemos enganar, pois, pela exploração divisionista dos reacionários e quinta-colunistas, que aproveitam os debates de São Francisco para lançar a confusão e alarmar o mundo com a separação por êles sempre desejada das três grandes nações dirigentes. Como temos visto nos últimos dias, os boatos que nos chegam

lhores alunos da turma. Murmurava-se que, não obstante a sua graduação maior, não era o comandante o melhor aluno, mas sim o major, que era Luiz Carlos Prestes".

Em 1916, Prestes obtém matrícula na Escola Militar do Realengo e em dezembro de 1919 conclui com brilhantismo excepcional o curso desse estabelecimento, recebendo grau de engenheiro militar. Deixa, então, na Escola Militar do Realengo, uma tradição de inteligência, de cultura, de honradez, de espírito de camaradagem e civismo que ficará sendo o orgulho e a emulação de gerações sucessivas da mocidade militar do país.

A sua turma é de grandes valores intelectuais e profissionais: Siqueira Campos, Pratti de Aguiar, Paulo Kruger da Cunha Cruz, Azaurí de Sá Brito e Souza, os irmãos Rebelo de Queiroz, Stenio Caio de Albuquerque Lima, Henrique Cunha, Carlos da Costa Leite, Cristiano Frederico Buys, Eduardo Gomes, Pradel, Ciro Cardoso, Orlando Leite Ribeiro, Daudt Fabricio, Pacheco Chaves, Bina Machado, Angelo Mendes de Morais e tantos outros.

Concluido o curso, Prestes, como primeiro aluno de sua turma, escolheu para servir a Companhia Ferroviária, aquartelada em Deodoro, no Distrito Federal, e então sob o comando do capitão José Emilio Rodrigues Galhardo.

Posteriormente, Prestes foi nomeado instrutor da arma de engenharia da Escola Militar do Realengo. Tempos depois pedira exoneração dessa comissão, porque procuram reduzir o material que êle julga indispensável e necessário para a instrução prática. Foram, então, seus instruendos, entre outros, o hoje coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, diretor-

técnico da Companhia Siderúrgica Nacional; o brigadeiro Guedes Muniz, diretor da Fábrica Nacional de Motores, e o tenente Mario Fagundes Portela, herói e martir das lutas tenentistas.

O instrutor de engenharia de Prestes na Escola Militar do Realengo foi o então capitão Arí Pires, hoje general comandante da 5.ª Região Militar, no Paraná.

O primeiro Cinco de Julho vem encontrar Prestes acamado com tifo e, desse modo, impedido de participar da luta, como era de seu desejo e resolução.

Já então Prestes está voltado para a cogitação e consequente solução dos problemas da coletividade brasileira. Não descura, no entanto, do problema de sua família. Desdobra-se, ora como explicador particular de matemáica, ora como professor no Ginásio Vinte e Oito de Setembro, afim de aumentar o orçamento de casa. Clotilde, Heloisa, Lucia e Ligia, suas irmãs, estudam e preparam-se para enfrentar dias futuros, estimuladas pelos exemplos de Luiz Carlos e D. Leocadia.

Prestes recebe nova comissão. Em companhia de um seu colega, Fernando Tavora, é designado para a fiscalização das "famosas" obras dos quartéis do sul. Diante das irregularidades apontadas e sem providências, demitem-se em sinal de protesto, da referida comissão.

E' classificado, então, no Batalhão Ferroviário de Santo Angelo, no Rio Grande do Sul. Aí permanece arregimentado até fins de 1923, na qualidade de sub-comandante dessa unidade e no posto de capitão, quando, finalmente, resolve solicitar demissão do serviço ativo do Exército.

através das grande agências telegráficas, da Europa ou de São Francisco, pouco duram, mas são logo substituidos por novos boatos, cada vez mais cínicos, visando sempre armar a quinta-coluna com novos argumentos para a sua campanha solerte de guerra e divisionismo. Por tudo isso, convém agora recordar e ter sempre presente aquelas palavras do marechal Stalin em 7 de novembro do ano último:

> "Fala-se em divergências entre as potências sôbre alguns problemas da segurança. Diferenças existem. Diferenças podem existir entre membros do mesmo partido, quanto mais entre representantes de diversos Estados e partidos diferentes. O que surpreende não é a existência de diferenças, mas que sejam tão poucas e que quasi sempre sejam superadas graças à unidade e ação coordenada das três grandes potências. Não houve entre nós nenhuma diferença mais séria que a abertura da segunda frente, e essa foi finalmente resolvida num espírito de completa unanimidade".

E foi essa unanimidade que nos trouxe a vitória.

Enquanto as três grandes potências continuarem unidas teremos paz no mundo. Separadas, voltariamos à guerra, guerra internacional e guerras civís, ao cáos e à destruição de povos inteiros. Não, a colaboração para a paz é possível e necessária, tão possível e necessária quanto o foi para a guerra e para a vitória. Mas cabe igualmente a todos nós, democratas do mundo inteiro, apoiar e sustentar a colaboração das três grandes potências, lutando sem repouso pela paz interna em nossa própria Pátria, não poupando esfôrços para encontrar sempre a solução harmônica e pacífica de tôdas as divergências e contradições de classes que porventura nos possam separar e dividir.

Não foi inutil o sangue derramado em tantos anos de guerra. Não é diferente, por acaso, o mundo de hoje daquele de antes da guerra? O mundo de Teerã e Criméia daquele de Munich? O mundo em que o marechal Tito pode mandar fuzilar o traidor Mihailovitch daquele que permitiu a Franco assassinar o povo espanhol?

Antes da guerra, nós, comunistas, lutavamos contra a democracia burguesa aliada dos senhores feudais mais reacionários e submissa ao capital estrangeiro colonizador, opressor, explorador e imperialista. Hoje o problema é outro, a democracia burguesa volta-se para a esquerda, a classe operária tem a possibilidade de aliar-se com a pequena burguesia do campo e da cidade e com a parte democrata e progressista da burguesia nacional contra a minoria reacionária e aquela parte igualmente reacionária do capital estrangeiro colonizador.

Mesmo aqui em nossa terra, o velho tipo de politiqueiro demagogo, que se ria do povo que cinicamente enganava, e do qual só se lembrava nas horas de eleições, tende a desaparecer, de morte natural, por fatalidade histórica. Tem porisso tôda a razão o jornalista que escreveu há dias que o novo político é aquele que acredita no povo. "No povo que tem plena conciência de seus interêsses, mas que no momento mostra ter pouca confiança nos políticos que nunca o souberam compreender. Essa confiança é que é preciso restabelecer pela união de tôdas as classes na realização de uma tarefa comum que faz das reivindicações políticas o passo inicial de um imenso programa consistente em por em aproveitamento as possibilidades econômicas do país". (O Jornal, 18-5-45).

É êste justamente o programa de união nacional que pregamos e pelo qual lutamos desde a agressão nazista ao nosso povo, desde que com o ataque de Hitler à União Soviética teve inicio a grande guerra pela libertação e independência dos povos. Mas a união nacional dos dias de hoje, do momento histórico que atravessamos, nada tem que ver com a política reformista daqueles que em 1914 fizeram a "união sagrada" em benefício do imperialismo e à custa do sangue das grandes massas trabalhadoras. Uma coisa é tão diferente da outra quanto são diferentes as *Nações Unidas*, de hoje, da velha *Liga das Nações* — organização reacionária contra os povos soviéticos, êstes mesmos povos que sob a direção do Partido Bolchevique de Lenin e do guia genial, o marechal Stalin, são hoje o esteio máximo das Nações Unidas.

"Com a vitória sôbre o nazismo entramos realmente numa

nova época. Terminou o período de guerra e começou o período do desenvolvimento pacífico". (Stalin).

Nós, comunistas, que vivemos sempre na ilegalidade, sentimos bem o quanto difere esta nova época daqueles tempos de antes da guerra, em que viviamos perseguidos, insultados e vilmente caluniados. Eramos então os "traidores da pátria", porque nos defendiamos com ardor e violência da violência de um Estado a serviço dos elementos mais reacionários das classes dominantes e do capital estrangeiro colonizador. Depois veio a ameaça fascista, e com a derrota de 1935 encheram-se em nossa terra os cárceres da reação. Foram os anos negros de nossa história contemporânea. Mas, dez anos de guerra e perseguições contra o comunismo fizeram do nosso povo o povo mais comunista da América.

É o que tinha de ser. Comunista para o nosso povo é aquele que de maneira mais firme e conseqüente luta contra o estado de coisas intoleravel e injusto predominante em nossa terra: comunista é o que quer a negação disso que aí temos, a negação da miséria e da fome, a negação do atrazo e do analfebetismo, a negação da tuberculose e do impaludismo, a negação do barracão e do trabalho de enxada de sol a sol nas fazendas do senhor, a negação da censura à imprensa e das limitações de tôda ordem às liberdades civis, a negação enfim da exploração do homem pelo homem. E o povo tem razão, porque é realmente êste em seus traços gerais o nosso programa, o programa do Partido Comunista do Brasil, que justamente porisso é nos dias de hoje o partido não só do proletariado como de todo o nosso povo.

Na realização progressiva e pacífica, dentro da ordem e da lei, de um tal programa, está sem dúvida, a única saida para a grande crise política, econômica e social que atravessamos. E é por estarmos convencidos disto que, num gesto de lealdade e de superior patriotismo, estendemos a mão a todos os homens honestos, democratas e progressistas sinceros, seja qual fôr sua posição social, assim como seus pontos de vista ideológicos ou filosóficos e seus credos religiosos. Só assim alcançaremos a verdadeira *união nacional* sem a qual seremos prêsa fácil do fascismo e dos agentes do capital estrangeiro mais reacionário que, na defesa de seus interêsses, fomenta a desordem e préga a desunião, geradora do cáos e da guerra civil que precisamos a todo trânse evitar.

Esta a nossa posição política, a linha política de nosso Partido — unificação nacional para iniciar a solução dos graves problemas econômicos e sociais e chegarmos, de maneira pacífica, através de eleições livres e honestas, à Assembléia Constituinte e à reconstitucionalização democrática que todos almejamos.

A não ser com o nosso povo não temos compromissos com ninguém. Lutamos e lutaremos pela unificação nacional e estendemos a mão a todos os brasileiros, mas não fazemos cambalachos nem cederemos uma linha siquer aos desordeiros, aos golpistas, trotskistas e demais aventureiros a serviço do fascismo e dos piores inimigos do nosso povo.

Sabemos quanto é grave o momento que atravessamos e em contacto, como estamos, com as camadas mais pobres de nosso povo sabemos e sentimos o quanto é dolorosa sua situação econômica e miserável o nível de vida a que chegou. Multiplicam-se com a inflação os preços dos artigos de primeira necessidade e não são reajustamentos de salários com acréscimos de 40 ou 50% que permitirão à classe operária sair da miséria em que se debate. De outro lado, uma absurda fixação de preços que em geral só atingiu os produtos agrícolas de maior consumo veio agravar a situação já difícil em nosso campo, fomentar o êxodo agrícola para as grandes cidades e determinar a escassez cada vez maior dos referidos artigos e alimentar a especulação impiedosa do mercado negro.

Como enfrentar tão séria situação? O remedio não está, evidentemente, na guerra civil nem nos golpes salvadores. Mas já está visto também que os paliativos nada resolvem. Não é mais possivel enganar a fome do povo com a eloquência vasia sôbre as belezas de nossa natureza. O método mais recente do malabarismo com cifras já não dá também maiores resultados. Como avaliar valores com uma unidade monetária elástica que encolhe cada vez mais em seu poder de compra?

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE LUIZ CARLOS PRESTES

Aguardando solução desse pedido, trabalha aí como engenheiro de uma emprêsa concessionária de serviços públicos (luz, fôrça, água, etc.).

Nessa situação, vem encontrá-lo o segundo Cinco de Julho. Inicia-se o movimento armado na região Missioneira. Há, de início, a perda irreparável de Anibal Benévolo. Prestes persevera e, vitorioso, em Santo Angelo, concentra-se com Mario Portela, em S. Luiz de Cáceres, onde virão ter Siqueira, João Alberto, Trifino, Cordeiro, Ari Freire e outros. A Coluna do sul vai juntar-se às fôrças do marechal Isidoro Dias Lopes, na Foz do Iguaçú. Foi quando o chefe militar da Revolução, pela primeira vez, usou da expressão "Cavaleiro da Esperança", pois que, em Prestes e seus homens, residiam, naqueles momentos, a garantia da continuação da luta encetada pelo povo.

Realiza-se a epopéia da Grande Marcha. A Coluna Invicta percorre o país de norte a sul. Prestes, Miguel Costa, Siqueira Campos, Djalma Dutra, Juarez Tavora, João Alberto, Trifino Correia, Cordeiro de Faria, Ary Freire, Paulo Kruger da Cunha Cruz, Aristides Correia Leal, Lourenço, Moreira Lima, Emidio Miranda, Agricola Batista, Euclides Neiva e tantos outros, revelam-se grandes soldados do povo.

Internada a Coluna, Prestes começa, desde logo, a trabalhar como engenheiro numa emprêsa do Oriente boliviano. Dedica-se, principalmente, ao problema de assistência e repatriamento de seus comandados. Transfere-se, depois, para o Prata, onde se multiplica no desempenho de suas várias tarefas de engenheiro, comerciante, político e revolucionário, ao lado de Miguel Costa, Siqueira Cam-

pos, Orlando Leite Ribeiro, Vitor da Cunha Cruz, Emidio Miranda, Silo Meireles e outros.

Em fins de 1931, vai à União Soviética, havendo visitado, anteriormente, a França, a Alemanha, a Espanha e outros países.

Na U.R.S.S. participa concretamente da construção socialista. Empreende várias excursões de estudo e propaganda política pelo país do socialismo, da região de Leningrado à Criméia, da Ucrania ao Cáucaso, etc. Trabalha ativamente no Instituto Agrário de Moscou. Em 1934, é eleito membro do Comité Executivo da I. C., junto com Manuilski, Dimitroff, Thaelmann, Wan Min, Togliatti (atual vice-"premier" italiano), Browder e outros.

Em Moscou, trava conhecimento com várias figuras do movimento chinês, particularmente com Wan Min, em cuja companhia estuda e elabora solução para vários problemas da China e do Oriente em geral.

Além disto, realizou na capital soviética e em outras cidades, várias conferências de natureza econômica e social.

No mundo inteiro, o fascismo estava em ascensão. Hitler, em 1933, chegara ao poder, na Alemanha. Êsse fato ganhava repercussão em tôda a parte. O povo brasileiro mobilizava-se já para barrar a marcha do fascismo. Lutava contra a Lei de Segurança Nacional e contra os "camisas verdes". Prestes achou que o seu lugar era ao lado do povo. Regressa ao Brasil. Os integralistas realizam um congresso no Nordeste, em Pesqueira, no Estado de Pernambuco. A luta do povo atinge o seu auge. Deflagra-se a greve dos ferroviários e de ou-

A linguagem dos patriotas é outra — o povo não quer ser acalentado como criança, quer conhecer a verdade, e já provou suficientemente nesses anos de guerra que sabe sofrer em silêncio, com altivez e resignação, se assim for necessário à honra e à independência da Pátria. O que é evidente, já não pode mais ser negado, é que, já agora estala por todos os lados nossa arcaica estrutura econômica. Nada se fez de prático nos últimos quinze anos, que se seguiram à grande crise de 1929, para resolver as contradições fundamentais entre as forças de produção em crescimento e uma infra-estrutura econômica secularmente atrazada em que os restos feudais lutam ainda por sobreviver em plena época da revolução socialista e da vitória do socialismo, já em realização na sexta ou quinta parte do mundo.

A verdade é que os elementos mais reacionários das classes dominantes do país e do capital estrangeiro procuraram, e em grande parte o conseguiram, nestes quinze anos, impedir o progresso nacional. Poltica de proteção aos que manopolizam a propriedade da terra e não a cultivam, pela lei do reajustamento econômico, pela queima de café, pelos Institutos monopolizadores. Política de proteção a uma indústria primitiva e retrógrada, pela proibição da importação de maquinaria moderna. Tudo determinando uma renda nacional miserável que não permite maior expansão da renda pública, o que impediu o reequipamento das estradas de ferro, a aquisição de navios, o desenvolvimento da instrução popular e o saneamento em escala necessária de largos tratos de nosso vasto país.

Tentamos em 1935 com a Aliança Nacional Libertadora resolver revolucionariamente tais problemas, enfrentar a demagogia integralista com a resolução dos problemas fundamentais da revolução democrático-burguesa — a revolução agrária e anti-imperialista pelo seu conteudo, porque já sabiamos que sem um golpe decisivo contra o capital estrangeiro reacionário e colonizador, sem que a terra passasse ao poder da massa camponesa sem terra, nenhum passo seria possível dar no progresso do país. Fomos derrotados e nestes dez anos de combate ao comunismo, o que de fato se fez com as armas asquerosas da polícia, do Tribunal de Segurança Nacional, do DIP reacionário de ontem, bem diferente por certo deste de hoje que irradia a palavra do povo, foi impedir o progresso nacional e enganar a nação com uma prosperidade ficticia de infração e de obras públicas suntuárias e de fachada, com exclusão talvez única e honrosa do inicio da construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda.

Mas hoje a situação é outra. A guerra precipitou a crise e pôs em tensão as grandes forças materiais e morais do nosso povo. Com uma rapidez que a muitos surpreende, modifica-se nossa situação política e damos passos decisivos para a democracia de maneira a poder o Brasil em breve alcançar pelo seu regime político os paises capitalistas mais avançados. E, devido a isso, já são agora as próprias classes dominantes, por intermédio da palavra autorizada dos dirigentes de maior prestígio de suas tradicionais organizações, que mostram compreender o que há de profundo e verdadeiro no dilema de Euclides da Cunha — Progredir ou perecer. Perecer ou alcançar e sobrepassar aos paises capitalistas mais avançados não só pelo regime *político* como também *economicamente*.

Esta a nossa tarefa atual e urgente. Para levá-la a bom termo, de maneira ordeira e pacífica, é que precisamos da união mais firme e leal de todo o nosso povo, dos patriotas, democratas e progressistas de tôdas as classes. Contra uma unidade tão ampla só poderá ficar a minoria reacionária e fascista que ainda espera conseguir deter a avalanche democrática com golpes de Estado e guerra civil. Todos juntos, porem, operários e patrões progressistas, camponeses e fazendeiros democratas, intelectuais e militares, havemos de vencê-la, dirigir nossa Pátria pelo caminho do progresso e salvar nosso povo do aniquilamento físico, do atraso cultural e da decadência moral que o ameaça.

Estamos convencidos de que dentro de um parlamento democrático livremente eleito, de que participem os genuinos representantes do povo, será possível e relativamente fácil encontrar uma solução progressista de todos os nossos problemas. Será possível

então legislar sôbre a propriedade da terra, em particular dos latifundios abandonados nas proximidades dos grandes centros de consumo e das vias de comunicação já existentes, colocando seus donos ante o dilema inexorável de explorá-los por métodos modernos ou de entregá-los ao Estado para que sejam suas terras distribuidas gratuitamente á massa camponesa sem terra que nelas queira viver, trabalhar e produzir para o mercado interno em expansão e cada vez mais livre, de que tanto necessita a nossa indústria.

Num parlamento democrático será possivel legislar contra o capital estrangeiro mais reacionário, contra os contratos lesivos ao interêsse nacional e ao progresso do país. Isto não quer dizer que sejamos contrários ao capital estrangeiro que nas condições do mundo atual ainda pode ser, dentro das limitações da Carta do Atlântico e após as decisões históricas de Teerã e Criméia, um dos colaboradores mais eficientes do progresso e da prosperidade dos povos mais atrazados. No mundo inteiro os povos ficarão agora livres da intervenção estrangeira nos seus negócios internos, e assim sendo, o *imperialismo* está moribundo e o capital estrangeiro perde a sua característica mais reacionária para se transformar em fator de progresso e prosperidade para todos os povos.

Protegeremos num Parlamento democrático a indústria nacional ameaçada pela concorrência estrangeira, entregando ao Estado o controle planificado de nossas importações. É cada vez mais claro que o ouro proveniente das exportações nacionais não pode mais ser malbaratado na aquisição de artigos de luxo, as geladeiras, os discos de vitrola, as camisas e outras bugigangas, semelhantes àquelas contas de vidro com que os portugueses enganavam os nossos índios para deles obter em troca os víveres de que necessitavam nos primeiros tempos da colonização e escravização dos mesmos aborígenes.

Enfim, só um Parlamento democrático poderá rever da maneira inteligente nossa legislação trabalhista e assegurar a liberdade sindical, que, a par das liberdades civís, constitui sem dúvida o elemento básico e indispensável para a realização prática de muita coisa que não passou até hoje da letra da lei. Imediatamente, o que convem a patrões e operários é resolver diretamente, de maneira harmonica, franca e leal, por intermédio de *comissões mistas* nos locais de trabalho ou pelo acôrdo mútuo entre sindicatos de classe as divergências inevitáveis criadas pela própria vida. Os operários querem e precisam de melhores salários e melhores condições de trabalho, e, atendidos, saberão ajudar os patrões, por uma eficiência maior no trabalho, a reduzir os custos de produção, tudo em benefício, afinal, da grande massa consumidora e do progresso nacional.

Mas a união nacional é necessária ainda para enfrentar de maneira prática e decisiva o grave problema da inflação que ameaça neste instante tôda a nossa economia, alem de gerar e alimentar o malestar popular habilmente explorado pelos agentes da desordem e provocadores fascistas. Aos Partidos políticos, às organizações sindicais, operárias e patronais, ao govêrno, cabe enfrentar de maneira unitária e solidária o grave problema. Nós, comunistas, propomos desde já o estudo e imediata aplicação das seguintes medidas:

1) — Estímulo à produção de víveres, especialmente nas proximidades dos centros de maior consumo, com a entrega de terras gratuitamente a familias camponesas que se comprometam a explorá-las imediatamente. Estímulo e apoio ao cooperativismo livre e democrático, pelo crédito barato e, se possível, sem juros; auxílio financeiro e técnico ao pequeno agricultor e, se for necessário, fixação e garantia de preço mínimo para a produção aconselhada pelo govêrno.

2) — Redução do imposto de consumo e de todos os impostos sôbre as trocas internas que devem ser o mais ràpidamente possível desembaraçadas de todos os obstáculos atuais.

3) — Aumento do imposto sôbre a renda de maneira progressiva. Um novo imposto sôbre o capital. Empréstimos forçados sôbre os lucros extraordinários em escala fortemente progressiva.

4) — Utilização imediata dos saldos ouro no estrangeiro para

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE LUIZ CARLOS PRESTES

tros setores operários, no Nordeste. Deflagra, em Natal, o movimento armado. Em Recife, também. No Rio, o 3.º R. I. e a Escola de Aviação secundam a luta dos anti-fascistas do Nordeste. Mas o fascismo ia vencer as primeiras batalhas. Prestes e seus companheiros são presos. Sua heroica companheira — Olga Benario Prestes — é enviada para o covil de Hitler, a despeito de ser brasileira, como espôsa de um brasileiro. E estava em vésperas de ser mãe.

Dez anos são decorridos. O fascismo e o nazismo foram derrotados militarmente. Prestes e seus companheiros são postos em liberdade.

E, na hora do triunfo, o grande lider nacional sobrepõe os interesses da Pátria e do seu povo a quaisquer sentimentos de ordem pessoal. Sem ódios nem ressentimentos, prega a união de todos os brasileiros e estende lealmente a mão a todos aqueles que, pacificamente, queiram cooperar na reconstrução democrática nacional. Herói e martir do povo brasileiro, Prestes transforma-se, hoje, na grande fôrça política que garante uma solução unitária progressista para os problemas nacionais. Torna-se, à frente do seu partido — o Partido Comunista do Brasil, em marcha para a legalidade — um grande esteio da ordem e da tranquilidade interna. Inspira, desta maneira, confiança a todos os setores progressistas do país, livrando a Pátria da guerra civil e procurando assegurar a liberdade, o progresso e o bem estar do nosso povo, à altura dos sacrifícios dos nossos heroicos irmãos da F. E. B.

Homenagem da mulher brasileira à memória de Dona Leocádia Prestes

À rua Arquias Cordeiro no Meier, dia 14 de junho, com a presença do grande lider popular Luiz Carlos Prestes, realizou-se uma emocionante homenagem em memória de Dona Leocadia Felizardo Prestes. Essa manifestação promovida pelo Comité Feminino pro-Democracia, teve o apoio e adesão de inúmeras organizações como a Liga de Defesa Nacional, o Movimento Unificador dos Trabalhadores, a Comissão Estudantil de Ajuda à F.E.B. e inúmeros Comités Democráticos.

Achando-se presente o representante do Embaixador do México, a senhora Maria Barata fez entrega de uma mensagem das mulheres brasileiras às mulheres mexicanas. Fizeram uso da palavra a senhora Anita Gouveia pelo Comité Feminino pro-Democracia, o dr. Lucio de Andrade que leu um resumo biográfico da "Madre Heroica", o jornalista Jocelin Santos, pelo M.U.T. e a dra. Arcelina Mochel pela Liga da Defesa Nacional, cujo discurso transcrevemos:

A Liga da Defesa Nacional não poderia deixar de prestar sua justa homenagem à memória de D. Leocádia Felizardo Prestes, neste momento.

Quando se é bem jovem e já se sente que a inteligência começa a ensaiar os seus vôos para a percepção e fixação dos problemas da vida, não se pode deixar de amar a Maximo Gorki lendo-o ou acompanhando sua vida de dedicação aos talentos jovens, à sadia formação de caracteres humanos, ao desenvolvimento do amor ideal pelo mundo. E, discpulo dele, quem poderia deixar de amar a Leocádia

aquisição de navios, material ferroviário, usinas e material elétrico, caminhões, tratores e maquinaria agrícola.

5) — Eliminação na medida do possível do intermediário na venda de nossos produtos ao estrangeiro, como já se vinha fazendo com sucesso, em real benefício do pequeno produtor, com a exportação do cacau.

6) — Elevação ponderável, isto é, de cento por cento, pelo menos, dos salários mínimos; e elevação geral de todos os salários e vencimentos inferiores a mil ou mil e quinhentos cruzeiros por mês.

Estas as medidas que aconselhamos e submetemos ao debate público, sem objetivos demagógicos e visando sòmente os mais altos interêsses da Pátria, o progresso do Brasil e o bem-estar de nosso povo.

E passo agora ao problema eleitoral, aquele que para muitos de vós, inevitavelmente influenciados pela agitação dos últimos meses, é certamente o problema interno mais imediato e mais sério no momento que atravessamos.

Como dominar, submeter e controlar o espírito de partidarismo desenfreado e ameaçador com que se iniciou a campanha eleitoral? Uma singular campanha eleitoral cujos dirigentes de maior prestígio chegam a afirmar em praça pública que não pedem votos, mas sacrifícios, sangue, guerra civil, portanto. A oposição exige que o Sr. Getúlio Vargas abandone o cargo, para que seja mantida a paz interna. Mas será êsse realmente o caminho democrático da ordem, da paz, e da união nacional? Não terá, ao contrário, razão o Sr. Getúlio Vargas ao afirmar que seu dever é manter a ordem para levar o país a eleições livres e honestas e entregar o poder ao eleito da Nação? Sua saída do poder neste instante seria uma deserção e uma traição que não contribuiria de forma alguma para a União Nacional; pelo contrário, despertaria novas esperanças entre os fascistas e reacionários e aumentaria as dificuldades, tornando mais ameaçador ainda o perigo de golpes de Estado e de guerra civil.

Assim como em agôsto de 1942 voltou-se o nosso povo para o Sr. Getúlio Vargas, na esperança de que o antigo chefe do movimento popular de 1930 quisesse dirigí-lo na luta de morte contra o agressor nazista, o que o nosso povo espera agora do Sr. Getúlio Vargas, prestigiado como está pela vitória de nossas armas na Itália, são eleições realmente livres e honestas. Êste, o seu dever de homem e cidadão, e a-pesar-de tôdas as divergências políticas que já nos separaram de Sua Excia. contra cujo govêrno já lutamos de armas na mão, não temos o direito de duvidar do patriotismo do Chefe da Nação.

O que convém ao nosso povo, aos homens sensatos e honestos de tôdas as classes, é que as próximas eleições constituam mais um fator, e considerável, de unificação nacional, de paz, de ordem e tranquilidade. E como conseguir isto? Como desmascarar pràticamente os demagógos, os agentes da desordem, os trotskistas ou provocadores fascistas? De uma única maneira: pela organização do povo em organismos que lhe sejam próprios, em amplos comités ou comissões nos locais de trabalho, nas ruas e bairros. Comités Populares Democráticos que, unidos, pouco a pouco, de baixo para cima, constituirão, num futuro mais ou menos próximo, as organizações democráticas populares de cidade, região e Estado, até a grande união nacional, aliança de tôdas as forças, correntes, grupos e partidos políticos que aceitem o programa mínimo de unificação nacional. Êsses comités populares deverão ser amplos, de nenhuma côr partidária, e receber no seu seio a todos os sinceros democratas, patriotas e progressistas que realmente lutem pela união nacional, pela ordem e tranquilidade, pelas reivindicações econômicas mais imediatas e por eleições livres e honestas. É evidente desde logo que tais organismos populares escolherão como seus candidatos aos cargos eletivos os homens que lhes inspirem confiança, que lhes pareçam capazes de defender aquele programa e de participar ativamente da solução dos grandes e graves problemas nacionais do momento.

Êste o caminho que indicamos ao nosso povo como único capaz

caos e a guerra civil. O povo organizado é a única força capaz de impedir a desordem e de sustentar o govêrno na marcha para a democracia contra as maquinações dos reacionários, da quinta-coluna e dos fascistas, que lamentavelmente não foram ainda expulsos dos postos que ocupam no próprio aparelho estatal. Foi o que vimos ainda há pouco com a grande vitória da anistia, conquistada pelo povo organizado dentro da ordem e da lei, a-pesar-de tôdas as manobras perversas dos agentes do inimigo.

O Partido Comunista, vanguarda esclarecida do proletariado, sempre marchou, marcha e marchará com o povo, e os comunistas participarão ativamente da organização e desenvolvimento de comités populares democráticos dentro dos quais se sentirão felizes ao lado de todos os democratas não comunistas, quaisquer que sejam suas opiniões políticas, filosóficas e religiosas, dignas tôdas do maior respeito, como deve ser no Brasil progressista e democrata a que desejamos todos chegar.

Ao proletariado cabe um papel dirigente e fundamental nesse grande esforço de unificação nacional, porque só a classe operária organizada sindicalmente pode realmente mobilizar as grandes massas populares e fazer com que a política nacional se desenvolva mais ràpidamente no sentido da democracia e da liberdade. Procurar o seu sindicato para transformá-lo em instrumento de luta pela união nacional e garantia máxima da ordem interna é o grande dever operário na hora que atravessamos. É por intermédio de suas organizações sindicais que a classe operária poderá ajudar o govêrno e os patrões a encontrar soluções práticas, rápidas e eficientes para os graves problemas econômicos do dia. É por intermédio do sindicato que mais fàcilmente se exerce a vigilância de classe contra o provocador fascista que luta pela divisão do movimento operário para que as grandes emprêsas reacionárias possam descarregar o pêso da situação econômica sôbre os consumidores e, portanto, sôbre os próprios trabalhadores. E através do Movimento Unificador dos Trabalhadores havemos de chegar ao organismo nacional da classe operária que assim unida será a grande força dirigente dos acontecimentos, em proveito naturalmente do progresso nacional, do bem estar de nosso povo.

Companheiros e amigos!

O que queremos é chegar através da União Nacional à verdadeira democracia, antes e acima de tudo a uma Assembléia Nacional Constituinte de que participem os legítimos representantes do povo, assembléia democrática que efetivamente apoiada pelo povo, organizado em seus partidos políticos e Comités Populares Democráticos, possa livre e soberanamente discutir e votar a Carta Constitucional que almejamos, a Lei fundamental que permita o progresso da Pátria e nos assegure, a todos nós, e para sempre, os grandes, sagrados e inalienáveis direitos do homem e do cidadão, a par dos direitos que todos devemos ter ao trabalho, à saude, à instrução e cultura, ao bem estar, assim como ao socorro e ajuda na doença, na invalidez e na velhice.

E para chegarmos a eleições livres torna-se cada dia mais necessário um govêrno que inspire confiança à Nação, um governo de que participem homens de prestígio popular e na altura de enfrentar e resolver os graves problemas da hora que atravessamos.

Nós, comunistas e anti-fascistas concientes, que temos sido nestes dias de agitação, em que se prega a desordem e se fala abertamente de golpes armados, o esteio máximo da ordem e da lei, temos o direito de solicitar do governo que revogue sem maior demora uma legislação caduca que ainda envenena o ambiente, uma legislação que proibe a atividade legal dos partidos políticos, mas que é, no entanto, impotente frente ao integralismo que se reorganiza descarada e atrevidamente, a-pesar do sangue derramado pela nossa juventude nas encostas geladas dos Apeninos. A liquidação definitiva, política e moral do fascismo, em nossa terra é o primeiro e indispensavel passo no caminho da redemocratização do país.

Não se trata de ódios nem ressentimentos pessoais. Todos nós que sofremos na nossa própria carne e na de nossos sêres mais queridos êsses anos de perseguições e de cárceres, já provamos suficientemente que colocamos os interêsses da Pátria, de nosso povo e da Humanidade muito acima de nossas paixões pessoais.

BRASILEIRA A D. LEOCÁDIA PRESTES

Prestes, mãe ideal, que em vida harmonizou todos êsses sentimentos de mulher heroica, enfrentando as asperezas de uma vida realista, cônscia da responsabilidade de seu procedimento perante um povo? Nunca nos serão esquecidas suas atitudes, porque sentiamos que em tudo o que ela realizava nos dizia respeito.

Sabemos de suas horas amargas de separações impostas, sabemos quão dolorosa foi a sua jornada nos últimos anos de sua existência. Mas a nossa fé crescia pelo valor de "la madre heroica", quando a viamos deter-se por instante para tirar os espinhos de seus pés que sangravam e prosseguir a caminhada para alcançar um dia sua vitória. Com o seu exemplo aprendemos a transformar o amor numa fôrça invencível, a viver numa fraternidade mais pura, a não nos pertencermos só a nós, mas, a todos. Tôdas as mães se igualam; todos os irmãos se auxiliam; todos os filhos se amam.

Pelo seu exemplo camponesas e operárias deram cheias de orgulho, superando as dificuldades, seus bravos soldados para a F.E.B., que hoje garantem nossa vitória sôbre o nazismo. Pelo seu exemplo, mulheres enfrentam, ainda agora, a dureza da vida com seus esposos mortos nos cárceres, como precursores da vitória da democracia, filhos continuam o heroismo de seus pais na vanguarda da luta pela liberdade e nós, companheiras, estamos de braços dados e corações unidos em plena frente única, batalhando com denodo em pról da causa da Unidade, da Democracia e pelo Progresso do nosso povo.

Há dois anos a fatalidade nos separou de nossa mãe heroica. Porém sua lembrança nos é imorredoura. Ela morreu sem ver o que queria mas bem pressentiu que não estava tão distante o dia de sua

HOMENAGEM DA MULHER BRASILEIRA A D. LEOCÁDIA PRESTES

grande felicidade. Êsse dia inesquecível chegou; chegou quando Luiz Carlos Prestes foi devolvido ao seio de seu povo. E ei-lo entre nós, mãe heroica, vosso filho querido mas nosso irmão adorado. O povo não o abandona um instante, porque êle voltou a nos guiar pelo caminho da tranquilidade, desfraldando a bandeira da União Nacional, conduzindo-nos pela trilha da ordem e da segurança, a bem do soerguimento democrático de nossa Pátria.

Para mães como Leocádia Prestes, só filhos como Luiz Carlos Prestes. E é por isso que tanto a amamos, pois nada mais dele nos separa.

Companheiras, em homenagem à memória de Krupscaia, a fiel companheira do grande Lenin, as mulhes da União Soviética consagraram o dia 8 de agosto a data nacional da mulher soviética, dia em que realizam o seu congresso e rendem homenagens de pesar à grande lutadora comunista. Pois bem, também nós teremos a nossa data nacional em que o congresso feminino brasileiro passará a se realizar e êsse dia é o 14 de junho, em homenagem à memória de D. Leocádia, a inesquecível lutadora anti-fascista, que tanto ajudou ao povo brasileiro ao lado de seu filho, na luta pelas conquistas democráticas.

Outrora Prestes estava nela. Hoje, ela está em Prestes, está em todos nós, em nossos corações, na memória do povo brasileiro que é sempre a mesma para recordá-la.

E quando os nossos filhos estudarem a nova história do Brasil, então dirão como disse Bilac certa vez se referindo às nossas batalhadoras: "Heroinas, temo-las!" E a primeira delas é Leocádia Felizardo Prestes!

O que não é admissível é a reorganização em nossa terra dos bandos fascistas, o que não é admissível é que continuem nos postos de govêrno reacionários e fascistas notórios, ainda hoje dispostos a impedir a marcha para a democracia e a fazer uso das armas de que porventura possam dispor para tentar a volta de um regime de sangue, exploração e obscurantismo que vai sendo varrido do mundo à custo do sacrifício de milhões de sêres humanos, entre os quais já contamos alguns milhares de patrícios nossos, os melhores e mais queridos filhos do nosso povo.

É liquidando os restos caducos da reação que o governo se reforça e realmente marcha para a democracia.

É chamando ao poder homens de prestígio popular que compreendam o povo e saibam e possam falar com o povo que o govêrno se reforça e chegará a inspirar confiança à Nação na marcha sem retrocesso para a democracia, para as eleições livres e honestas que todos almejamos.

É com um govêrno prestigiado, forte do apoio popular, que resolveremos em paz os nossos problemas, seremos dignos enfim das responsabilidades desta hora no convívio internacional e do alto pôsto a que nos levou nossa participação ativa na guerra entre as nações irmãs do Continente. Já não nos encontramos mais naquela época em que o Presidente Theodore Roosevelt, referindo-se à América Latina nos chamava a todos, alarmado, de "rusguento grupo de Estados, premidos pelas revoluções e onde um único se não destaca mesmo como nação de segunda ordem".

À custa de sacrifícios ingentes, à custa do sangue do nosso povo, participamos ativamente da guerra contra o nazismo e hoje, se soubermos resolver em paz os nossos problemas, com um govêrno prestigiado, forte do apoio popular, devemos e podemos ser a sexta potência mundial, a sexta grande democracia, digna de seus pares nos Conselhos internacionais que dirigirão o mundo, e esperança e apoio para todos os povos do Continente ou do Mundo que ainda lutem pela democracia, pela liberdade e pela independência.

Êste o apelo que em nome do Partido Comunista dirijo ao nosso povo e ao govêrno, aos dirigentes sindicais, operários e patrões, aos nossos intelectuais, aos chefes militares, assim como aos dirigentes de tôdas as correntes e partidos políticos, aos dois homens dignos que já se candidataram à Presidência da República, a todos os homens de responsabilidade enfim.

A união nacional é possível. Existem em nossa terra tôdas as condições objetivas para sua realização. Ununamo-nos pois!

A desordem e a desunião só interessam ao fascismo, aos remanescentes da quinta-coluna no país e aos agentes do capital estrangeiro mais reacionários, os agentes do isolacionismo americano e do muniquismo inglês, inimigos todos da democracia e do nosso povo.

A união ou o cáos; a democracia ou a desordem; o desenvolvimento pacífico ou a guerra civil — são os dilemas que defrontamos.

Nós, os comunistas, não vacilamos. Já escolhemos há muito o nosso caminho — união, democracia, desenvolvimento pacífico — é o melhor caminho, o que indicamos ao nosso povo.

VIVA A UNIDADE DE TODO O POVO, ORGANIZADO EM SEUS COMITÉS DEMOCRÁTICOS!

VIVA A UNIÃO DOS POVOS AMANTES DA PAZ E DA DEMOCRACIA!

VIVA A SOLIDARIEDADE DOS POVOS AMERICANOS!

VIVA A NOSSA GLORIOSA FORÇA EXPEDICIONÁRIA!

VIVA A FORÇA DAS NAÇÕES UNIDAS!

VIVA O EXÉRCITO VERMELHO E O GUIA GENIAL DOS POVOS SOVIÉTICOS, O MARECHAL STALIN!

VIVA O BRASIL DEMOCRATA E PROGRESSISTA!

OS SABIOS RUSSOS E O DESENVOLVIMENTO DAS MATEMATICAS

Entrevistas com o professor Ivan Vinogradov, Heroi do Trabalho Socialista e eminente matematco russo. (Moscou, 23 de Junho)

Falando a um representante do Bureau Soviético de Informações o Prof. Ivan Vinogradov, membro da Academia de Ciências da U.R.S.S. e mundialmente famoso pelos seus trabalhos científicos, destacou o papel desempenhado pelos sábios russos no desenvolvimento das ciências matemáticas.

"Desde o seu início — respondeu o acadêmico Vinogradov — a matemática russa ocupou um dos primeiros postos na ciência mundial. Basta citar nossos geniais matemáticos Nikolai Lobachevski — o primeiro a apresentar o problema dos princípios de geometria e sua relação com o espaço real; Panfuti Achebishev, que abriu simultaneamente o caminho em três direções: na teoria dás probabilidades, na teoria dos números e na teoria das aproximações, que devem a Achebishev seu nascimento. À Achebishev seguiu-se uma pleiade de discípulos e continuadores de sua obra: Markov, Zolotarev, Liapunov, etc. Fundamentalmente suas investigações concentravam-se nos mesmos ramos que trabalhou Achebishev.

Zolotarev deu uma nova interpretação à teoria dos números imaginários. À Markov pertencem as intensas investigações na teoria das probabilidades que marcaram o desenvolvimento dessa ciência por vários decênios.

Simultaneamente com o francês Poincaré e com o americano Hill, Liapunov foi o criador da teoria quantitativa contemporânea das equações diferenciais. Assim surgia a escola de Petesburgo — mais tarde Leningrado — de matemáticos russos. O que a caracterizava era o fato de que seus representantes se ocupavam da resolução dos problemas matemáticos concretos para na base dêles criar em seguida teorias gerais. Esta tradição, que combina o concreto com as profundas investigações, é conservada até hoje."

"Eu, continua o prof. Vinogradov, que me conto entre os discípulos dessa escola, me esforço por seguir a mesma tradição em meus trabalhos. Considero que meus melhores trabalhos são os que marcaram uma nova rota na solução de muitos e importantes problemas na teoria dos números. Meus trabalhos tiveram início há aproximadamente dez anos, quando consegui encontrar uma solução, nova em princípio e próxima da definitiva, para o famoso problema de Waring. Desenvolvendo o método criado no mencionado trabalho demonstrei, por exemplo, o teorema de Goldbach, exposto pela primeira vez em 1742 e que durante dois séculos foi considerado insolúvel. Êste teorema consiste em que todo número impar, maior de 7, é a soma de 3 números simples, isto é, de 3 números que só são divisíveis por si mesmos, ou pela unidade. Devo advertir entretanto que minha solução vai mais além do problema de Goldbach.

A grande revolução de outubro de 1917 abriu para a ciência russa as mais amplas perspectivas. Nós, os homens de ciência, somos alvo de uma solicitude infinita. No período pre-revolucionário, os matemáticos, não podiamos nem sonhar, por exemplo, com um Instituto tão magnífico como o "Stelkov" da Academia de Ciências da U.R.S.S., um dos centros matemáticos mais importantes do mundo. O govêrno soviético teve particular atenção na criação de escolas matemáticas, e uma das maiores é a de Moscou, que na Rússia representa a corrente abstrata da matemática.

Os sábios russos obtiveram retumbantes êxitos em todos os ramos da matemática. Seria portanto difícil fornecer uma lista completa dos mesmos. Porém à guisa de exemplo pode-se assinalar os trabalhos de Nikolai Nusjeshvili, presidente da Academia de Ciências de Geórgia, na teoria da elasticidade, os trabalhos do acadêmico Alexei Krilov, um dos mais velhos sábios russos na teoria da construção de navios, os de Sergei Jristianovich, em aerodinâmica, de Nadrei Kolmogorov e Sergio Bernstein na teoria das probabilidades, de Pavel Alexandorv e Lev Pontriaguin, na teoria das funções do complexo alternativo, de Ivan Petrovski e Sergio Sobolev na teoria das ocupações diferenciais, de Alexandre Gelfond e Boris Delon, na teoria dos números".

Para terminar o jornalista perguntou qual a impressão que lhe havia causado o decreto conferindo o título de Heroi do Trabalho Socialista a destacados homens de ciência, inclusive êle próprio. Vinogradov respondeu: "Creio que traduz a atenção do govêrno soviético por nosso trabalho. Nós procuramos justificar essa atenção na medida de nossas fôrças. Pessoalmente fárei todos os esforços para servir meu país e meu povo."

VISÃO DE LUIZ

PARA ESFERA

Noite líquida de leite e de ternura humana,
feita para se pensar no mundo do futuro.
Tudo acontecendo tão suave...
O rítmo das águas, as conchas,
o bebedouro do Passeio Público
com pássaros, meninos, a grama tenra em volta.
Os pássaros adormeceram nas árvores.
Noite feita para pensar na compreensão entre os sêres,
no dever de matar por amôr à humanidade futura...
E a URSS? Como jorra êsse mundo na nebulosa terrestre?
Como se derrama aquêle sangue em torrente por nós?
Noite para pensar em Prestes encarcerado
e no camarada Stalin, exilado, pescando numa aldeia siberiana,
há dezenas de anos atrás.
Hoje êle é o chefe dos povos e tôda a humanidade
faz justiça ao seu pulso de aço, ao seu olhar de águia,
ao peito comunicativo a que as crianças não resistem.
Noite feita para se olhar horizontes...
Noite pulsando viva como uma festa,
noite camponesa de prados desenhados no azul.
Bela noite do Rio, que fará o General a essa hora?
Que fará o Cavaleiro da Esperança?
Dormirá no cárcere? Velará por nós?

O pensamento foge para a cela sombria
onde as sentinelas passam.
A noite elástica se dissolve ao contacto dos hálitos,
as distâncias se resumem, tão próximas do grande heroi,
o pensamento foge e depara a face morena,
o gesto firme, o olhar cintilante,
todo o corpo flamejando de amôr patriótico,
o sonho desponta nos lábios sorrindo,
ressoam hinos de independência, ressoam cantos de redenção.

CARLOS PRESTES

MAIO DE 1944

Prestes vem a cavalo. A madrugada nasce.
No tempo da Coluna ia ao rancho com os soldados,
prisioneiro ainda êle é indomável
e o povo reclama seu lugar na luta
porque comandante igual nossa Pátria não conhece.
Milhões de pensamentos convergem para a sua figura.
Êle está no alto do monte e o mundo vem nascendo.
O mundo úmido do outono carioca
rebenta do horizonte como um cacho sangrento,
há vida, brotos, sementes,
nos jardins públicos onde ressonam mendigos,
ou no Mercado das Flores
onde foi visto em 1935,
com o halo de legenda que não o abandona.

Ei-lo predestinado a unificar seu povo.
Os rios caminhando.
Caatingas reflorindo. O São Francisco mais próximo do irmão Paraná
A Amazônia desperta, é o Brasil que nasce.
Não é a madrugada, é o Brasil que nasce.
No sul chovem as bençãos das altas serranias,
caem nos vales onde passaram cavaleiros errantes,
caem nos lares de onde partiram expedicionários,
a semente da unidade rebenta da opressão.

O solo que Prestes pisou freme de puro orgulho,
o seu cavalo negro, ei-lo com as ventas quentes,
com as patas de fogo, molhado de suor,
podem cantar, matinas, podem cantar, ó montes,
sonhando com a liberdade em plena madrugada,
a face iluminada pelo olhar de águia do espaço,
êle indica o caminho ao povo que o espera,
que o tem como filho amado e estremece de amor!

COUTO FERRAZ

Canto al Brasil de Prestes

Como un desierto verde
Como un sertón inmenso de trópico y cacao,
de fábula y fazendas, de sudor y parias.
Como el melancólico canto de algún negro.
Como um país de ríos de caucho y cafetales:
Así lo imaginaba.

!Oh! muy lentamente supe otros secretos
y amé ya su paisaje sin haberlo visto.
Porque bajo las hojas del tabaco
bajo los techos de los rascacielos
o a la largo de sus muelles
ví al hombre que habitaba la tierra
y supe de su esfuerzo hacia el mañana.

— Al hombre, al hermano, como yo prisionero
y como yo solidario en el destino —
!Oh! muy lentamente supe otros secretos
hasta que como un relámpago ví a Prestes
y ya nadie, nadie, nadie
me hizo olvidar su nombre.

Tu nombre de capitán, de abanderado,
de mártir, de profeta, de paloma temible.
Tu nombre de columna, de corazón, de estrella
vuelto a la luz de América y su cielo.

Bajo las grandes lunas ecuatoriales:
!Prestes! y en las cárceles: !Prestes!
Entre los bananeros, un murmullo: !Prestes!
y en el alto Amazonas y el Norte y el Sud.
Sobre las armoniosas olas del Atlántico
y en la manifestación y en el exilio.

— Donde pasaste tú
quedó la huella de la esperanza,
caballero —

Corazón libre, grito prisionero.
Prestes popular y repetido.
Coro y pasión de lucha enamorada,
de marcha, de camino hacia la aurora.

!Oh! muy lentamente supe otros secretos
y hoy sé que es necesaria más que nunca
tu libertad — !oh camarada! —

Para el Brasil del mundo y de los pueblos
tu libertad es la única salida.

Y así es que llenaremos este hueco del hombre
y la canción entonces brotará como el agua
y de nuevo se abrirán las ventanas al viento
el día de la sonrisa y de las flores.

Felipe Novoa

Primer can

Canto a su corazón de isla gigante,
a su pupila de diamante azul,
a sus montañas de honda arquitectura,
a la melancolía varonil de sus razas oscuras y brillantes,
a su fluvial prodigio que refresca
la garganta inmortal de un Continente.

Su recuerdo atraviesa mi vigilia de agudos tamboriles,
de estrepitosas catedrales de arena delicada,
y oigo el rumor de las graves muchedumbres
y oigo el portugués del Brasil,
— el idioma de los poetas y los heroes —
y oigo la voz de las más próximas estrellas
en las selvas de sangre y flor de caña
y veo al fondo de una llanura derramada
a un jinete de fuego que atraviesa la larga sed del mundo

Me gusta recordarlo
cuando desnuda la belleza en sus playas doradas,
en los alegres mediodías de cigarras y asfalto
(y particularmente, la rúa Paysandú),
a la hora en que en los puertos cantam los cargadores,
a la hora en que llueve sobre las osamentas del verano,
a la hora en que el viento civil agita las densas ciudades,
a la hora en que ruedan sus crepúsculos
como una gran manzana de cobre enamorado.

Dame tu álbum de señorita antigua,
tu balón amarillo de niño de los Bosques.
la voz del cazador al fondo de las granjas,
el cencerro profundo de la leche florida,
la gruesa feijoada del barrio del Mercado
y el aguardiente pálido que beben los arrieros.

Raul Gonzalez

to ao Brasil

Yo sé que de la costa imantada del Este,.
de la enorme esmeralda roturada del Sur,
del incendiado Norte de crudos resplandores,
del misterioso Oeste como un puma infinito,
se levanta el clamor de la congoja,
y golpeo en su puerta de tierra y cielo y grito
y veo pasar hacia la aurora cruzando un territorio.
sin fronteras

a la Columna Prestes,
levantando la cabeza del pobre,
la mano moribunda de los más humillados.

Quiero ir a Alagoas, quiero vivir en Recife
dadme la niebla ardiente de Manaos, Manaos,
quiero ir a esos pueblos de dulces nombres,
de sonoros nombres,
en donde resucitan las mariposas muertas.
Dadme la casa que tenia en el Morro,
mi Curvello, mi tren de circunvalación,
mi fetiche bahiano, mi retrato en Silvestre,
mi guitarra perdida en la orilla sin límites.

Pasan los garimperios marchando hacia el secreto
del oro
y de la música,
pasa un balcón abierto a la noche del caos,
pasa un caballo negro corriendo por la playa,
pasa el féretro blanco de una menina morta,
pasa la Libertad con su sombrero verde,
y un pueblo inmenso se alza, al fin, incorporado
a la defensa y al goce de tu vasto milagro,
oh inolvidable, oh grande, Brasil innumerable.

Tunon

Mensaje a Luiz Carlos Prestes

Hablo contigo mirando hacia la aurora
La voz hacia la calle y el gesto hacia la plaza.
Te reconozco como puede el "violón" reconocerte
Y el grano reconoce al brazo que lo siembra.
Digo, Luis Carlos, y el cafetal se arquea
Como una madre que está queriendo parir.
Digo Luis Carlos, y en la "macumba" cae
Como una piedra en el lago abriendo círculos,
Tu nombre guijarro en la miseria.
Si nada existe acaso por si mismo
Y toda cosa vive para explicar a otra.
Si el barro necesita del hornero
Para que explique su destino en el paisaje.
Y una mujer a un hombre para explicar la vida,
Y la tierra se explica en el trigal.
Y el cielo en las gaviotas, y el sol en los racimos,
Tu nombre, tu sólo altivo nombre existe
Para explicar una patria americana.
!Cómo duelen los muros de tu celda
Ahora que el insomnio golpea en las almohada.
Alguien quiere cortarnos los brazos! Que bien lo
saben!
Para que nadie se pueda abrazar.
Alguien quiere arrancarnos los ojos! Qué bien lo
sabes!
Para que nadie pueda llorar.
Alguien quiera lacrarnos la boca. !Que bien lo sabes!
Para que nadie pueda cantar!
Pero hablo contigo mirando hacia la aurora,
La voz hacia la calle y el gesto hacia la plaza
Que viene de la plaza y de la calle el óxido
Que muerde en los barrotes de tu celda.
Mañana, en ese mañana que existe detrás de esta
amargura,
Cuando las manos havan olvidado su vocación de puño
Con alegre voluntad de construir el mundo,
Cuando sea al fin el trabajo una alegria,
Volverás, Caballero de Esperanza a los caminos.
Poeta de la vida, a sembrar de leyenda el Brasil.

Leonidas Spatakis

1942

Resposta a uma carta

(Para "Esfera")

"Não duvides, nem por um instante, da decisão com que continuarei lutando."

(Carta de Prestes à sua irmã Lígia)

Tua carta chegou num momento supremo
para todos os teus camaradas e irmãos,
que neste instante estão lutando e estão morrendo
pelo mundo melhor que sonhaste nos dar.

Tua serenidade e as tuas palavras
sem recriminação; mas cheias de certeza,
cheias daquela luz das estrêlas mais altas,
ardem mais, brilham mais que o fogo das batalhas.

Nós sabemos que atrás dêsses muros maciços,
vencendo a dor, vencendo o ódio e o desespêro,
tu vives, Camarada. E respiras. E esperas...
E, apesar da mordaça e apesar do grilhão,

chegaram até nós, chamejantes ainda
dessa fé interior que as anima e conduz,
a confiança e a certeza, a coragem e o valor
de que se revestiu a tua alma indomável.

Tua mão não tremeu, teu coração foi forte
ante a angústia maior, ante a dor mais profunda.
Arrancaram-te a espôsa e tua filha não viste;
nem, pela última vez, te foi dado oscular

tua mãe que morria em distante país.
Acontece, porém, que um humilde poeta,
interpretando o sentimento dos irmãos,
elevou sua voz dentro da escuridão.

Nós te trazemos, neste instante, Camarada,
não um consôlo ao invencível coração;
nós te enviamos simplesmente esta mensagem
numa simples palavra e que grande e que bela!

Esperança! Esperança! Esperança! Esperança!
Pois quando o ódio pesa imenso sôbre nós,
ou quando o nosso olhar mergulha na aflição,
ouvimos tua voz que nos diz: — Esperança!

Esperança, oh! Irmão! Não és tu que caminhas...
E' o mundo que segue os teus passos na aurora.
E' o mundo que marcha em tua direção.
Esperança é o teu nome. Esperemos, portanto...

Esperança é o teu nome. Esperemos, portanto...
caia a mordaça, abram-se as portas do presídio.
E que a tua palavra, em chamas de certêza,
anunciadoramente, ilumine o Brasil.

E se eleve tua voz, tua voz livre e sôlta,
esclarecendo com a luz que vibra nela
o tormentoso aclive, a dura e longa estrada
que nos conduz ao Novo Mundo de amanhã.

Mas que êsse mundo seja o mundo do trabalho,
seja o mundo da Paz e da compreensão.
Só assim não terá sido vão sacrifício
o que sofres, Irmão, pelo nosso ideal.

E teu nome é Esperança! Esperemos, sem ódios!
E teu nome é Lutar! Lutaremos sem medo,
de olhos fitos no céu, onde uma Estrêla escreve
teu nome em fogo — oh! Cavaleiro da Esperança!

ARY DE ANDRADE

RIO, 9 de Novembro de 1943.

PRESTES

por Carlos Sanchez

Afuera es la vida sencilla pero profunda
que corre por el agua y brilla por el cielo.
La vida futura naciendo en la simiente,
y la vida pasada muriendo en el suelo.

Afuera es la vida temblando en el rocío
o sudando en la frente del labriego.
La vida que canta en los pajáros y en las flores
y la vida que llora en las hojas que lleva el viento.

Afuera es la vida del humo de las fábricas
y de las mujeres esbeltas y coquetas
Es la vida del perro vagabundo
y del burgués y del cura y del poeta.

Afuera es la vida tumultuosa
que rueda y que salta por las calles
salpicada de rostros extraños y lejanos .. ..
pero cercanos y amigos un instante.

Afuera es la vida dialéctica
en su fluyente devenir infinito,
dolorosa y fecunda como un parto
superándose en el pulso y en el grito.

Afuera es la vida...
Cada instante viva, cada instante muerta.
Cada vez muriendo y cada vez renaciendo,
más hermosa y más fuerte,
por encima del tiempo.

II

Adentro es el tiempo. Una sombra
empinándose en el muro, dolorosa.
El tiempo gris, impenetrable,
eterno, que por segundos se deshoja.

Adentro es el tiempo lapidario.
Los hombres y las cosas cubriéndose de nieve.
Un tiempo que ha perdido su metro.
Cada minuto, un siglo arrugándose en la frente.

Adentro es el tiempo implacable
rodando monótono, uniforme.
Un tiempo pesado como plomo.
Un tiempo endurecido como cobre.

Adentro es el tiempo descarnado
siguiendo su curso, indiferente,
y trazando los límites de las cosas
con su mano amarilla y transparente

III

No. No pudieron con él ni la cárcel ni el tiempo.

Su vida estaba afuera. En las fábricas y en los campos.
Su vida latía con el pulso del pueblo
en las calles y en los mercados.
Reía y lloraba con él por las esquinas.
Junto a él en sus luchas. Aprendiendo. Enseñando.

No. No pudieron. El trascendió los muros.
En cada voz de pueblo se nota su presencia
El es la vida misma dura y esperanzada.
La vida de su pueblo. La vida de su tierra.

Y la vida también de nosotros y de todos,
el latido unánime de nuestras existencias.
No. No pudieron. El transcendió los muros.
La cárcel no se ha hecho para encerrar estrellas.

V

Fuiste un día Caballero de la Esperanza
y desde entonces resumes el anhelo
de la sangre y de la carne y de la vida.
Lo que pugna por nacer, pujante y nuevo.

Fuiste un día Caballero de la Esperanza
hermano, general, lider, maestro.
Viento para el molino de la historia
de un mañana feliz, tan bello y nuestro.

Fuiste un día Caballero de la Esperanza
y maduró la tierra con tu aliento.
La conciencia de América te llama.
Te reclama el destino de tu pueblo.

Fuiste un día Caballero de la Esperanza
conductor de los hombres prisionero.
Precisamos tu pulso para la lucha
!Que se abran los muros de tu encierro!

Montevideo, 1942.

AS DUAS LINHAS.

Fontenelle, um dos homens que mais viveram, — quando estava nas últimas, com cem anos, disse ao médico: "Agora, o que estou sentindo é uma dificuldade de ser." Justamente a mesma coisa que acontece com o mundo novo ainda nos primeiros dias... E' uma dificuldade de ser... Fumou-se muito cachimbo... Há muita bôca torta... Aquele Franco da Espanha, aquele govêrno polonês de Londres, aquela neutralidade da Irlanda, aquela incompreensão de Salazar, e as consequências, meu Deus! as consequências!... Matou-se Mussolini. Mas Hitler se escondeu. A humanidade era composta, como foi imaginado na calma, de homens e tenores. Depois, no reboliço, apareceu o equívoco. A humanidade se divide mesmo, de verdade, entre homens e fascistas. Basta olhar para atrás e para os lados. Duas linhas paralelas, que nunca se encontrariam, nem no Dia do Juízo Final, o único juízo possível por enquanto. E' a linha dos homens, aqui. E' a linha dos fascistas, lá. Os homens teem corpo, alma, espírito, e é o espírito que os conduz. Os fascistas teem corpo; o resto é em-vez-de... Incapazes de criar, recebem lições e não conseguem perceber se as lições são certas ou erradas, porque a ausência de raciocínio, neles, é estado de nascença. Os homens são livres. Os fascistas são escravos. Os homens querem subir, ver, melhorar. Os fascistas não se mexem sem ordens; ignoram tudo; tudo o que há de bom, de belo na vida; só se olham, e acham tudo ruim, tudo horroroso; não os domesticaram para o amor, a admiração, o respeito; aprenderam apenas a odiar, a descompor, a ofender. Os homens evocam o Dia de Natal. Os fascistas, a Noite de São Bartolomeu. O padre Simão de Vasconcelos, na "Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil", escreveu sôbre os mais remotos habitantes dessas paisagens: "Diziam que, entre as nações sobreditas, moravam algumas monstruosas"... Eram os fascistas das selvas... com antepassados e contemporâneos, nús, vestidos, regulares, de todas as côres e de todos os sexos. As bacantes que estraçalharam Orfêo, eram fascistas. Os idiotas, que condenaram Sócrates a beber cicuta, eram fascistas. Os fanáticos que reclamaram a morte de Jesus, eram fascistas. Os inquisidores que puseram no fogo, multidões, por pensamentos supostos, eram fascistas. Etc., etc., etc. De-repente, surgiu uma confusão medonha na linha dos homens. Ninguém se entendia. Os gritos dos fascistas de braços no ar, atrapalhavam o trânsito. As caras eram cartazes de heins.

Porém sempre restou uma esperança. A esperança de que os homens, enfim, formassem o povo. O povo do mundo diferente, o povo do mundo passado a limpo. Eis a dificuldade de ser... Ela já foi mais difícil... Coragem! Para a frente! A linha dos fascistas diminuiu bastante... Impedidos de matar os homens, os fascistas resolveram se matar. O suicídio é a única coisa decente que êles teem feito. Devem continuar a fazê-la. O diabo que os carregue!

ALVARO MOREYRA

MORRE UM AJIOTA

ABELARDO ROMERO

John Brogan foi um homem feliz. Felicíssimo em tudo. Todo mundo se queixa das visitas incômodas e inesperadas da morte. Ele, não. Não teve razão de se queixar. A morte chegou no momento em que o grande ajiota via que era inutil continuar. Para que esperar? E esperar mais o que? — raciocinava o velho Brogan, já nas vésperas de perder a visão das coisas que o cercavam. Dentro de mais algum tempo, os esturjões não poriam mais ovas para o seu caviar. Dentro de um ano ou dois, os fabricantes de havanas não fabricariam mais charutos gostosos para o seu paladar. Os juros não seriam mais pagos. Não haveria mais dividendos. Os títulos baixariam como as águas da maré, os governos confiscariam tudo e a economia dirigida seria uma fatalidade. Para que viver então?

Brogan livrou-se do martirio de pensar nessas coisas. Morreu na hora H. Ele sabia que o mundo de amanhã ia ser diferente, e muito embora dissesse que seria um mundo melhor, John Brogan não poderia gostar de um mundo assim. Seria um mundo mais bonito e mais puro, mas o grande ajiota jamais se adaptaria a uma vida sem contrastes. Imagine uma sociedade sem milionários e miseráveis, sem mulheres vivendo exclusivamente à custa de sua beleza, sem bouquets de orquidéas caríssimos, sem Bolsas, sem bettings, sem cassinos, sem guerras, sem lupanais! Que graça teria um mundo destes para John Brogan? Que interesse teria para êle um mundo em que não fosse preciso emprestar dinheiro a um govêrno para poder mover guerra a outro govêrno?

Brogan não podia viver sem emprestar. Emprestar era o seu passatempo predileto. Gostava, por exemplo, de ajudar o fascismo na sua campanha contra a democracia, e ajudava a democracia na sua guerra contra o socialismo. Era essa a única mania de John. No resto, sua vida era chata e monotona como a de um guarda-livros.

Quando Brogan morreu, na sua quinta da Florida, o mundo inteiro chorou. Os jornais, a-pesar da

Boneco de Abel Salazar

falta de papel e da parcimônia de espaço, perderam por completo as noções de economia e decôro. Publicaram tudo. Noticiário completo, inclusive o minuto exato em que se deu o desenlace. A clicherie foi riquíssima. Brogan em tôdas as pôses. Brogan moço. Brogan já idoso. Brogan de palitó socô, Brogan de cartola e bengala. Brogan fumando, Brogan assinando cheques. Depois, em linha reta e ramificada, vinha a grande geração dos Brogans — família mais velha da América! Mais de 300 anos de ajiotagem. Isso é que é uma gente digna de imitação! — diziam os jornais.

Mas não adiantou. Brogan morreu e está bem morto. Sua personalidade fundiu-se com o banco de Wall Street, e agora, quando se fala em Brogan, a imagem que ocorre é a de um sólido e sujo edifício de pedra, com janelas engradadas, cadeados enormes, placas de cobre polido, etc. Era ali que John Brogan passava o dia. Trabalhando — diziam êle e os seus amigos. Brogan era de pedra e por isto fundiu-se com o prédio de pedra de Wall Street. Seu trabalho era este: assinar cheques, endossar títulos, rubricar contratos, telefonar ou receber telefonemas internacionais de reis, presidentes, caudilhos e colegas de ajiotagem.

Um dia, antes do pânico de Wall Street, um jornalista alugado — oh! há muito intelectual desonesto neste mundo! — foi ter com Brogan e lhe disse que não seria justo morrer sem deixar uma obra. Pelo menos a sua autobiografia.

Brogan tinha uma grande biblioteca. Possuia os livros mais raros e mais caros do mundo. Infolios veneráveis, pergaminhos ilustres. Parece que tinha autografos de Omar Khayam, os originais do Alcorão, o primeiro exemplar de todos os grandes livros. Na maior parte, os seus livros não eram escritos em inglês, mas en sânscrito, hebraico, copta, latim, etc. Brogan tinha orgulho de sua biblioteca. Abria as estantes, mostrava os livros. Folheava volumes, desembrulhava papiros. Brogan achava aquilo tudo uma beleza, mas não entendia niquel. O grande ajiota só lia mesmo os romances de Dickens, e não sabia escrever. Nessas condições, — perguntou êle ao jornalista alugado — como poderia escrever uma obra? E alem disto, para que escrever? E escrever o que? "Em tôda a minha existência — desculpou-se, afinal, o ajiota, — nunca aconteceu um incidente qualquer que valesse a pena ser registado".

Sem dúvida alguma, John Brogan se referia às aventuras sentimentais. Ele, de fato, nunca as teve. Os ajiotas não amam e nem compreendem o amor. Casam-se com a filha de um colega, fundindo duas grandes fortunas e visando a procriação de futuros banqueiros. Isto de amar uma donzela, conversar de mãos dadas, sob o luar, sem promessas de lucros e sem juros a cobrar, ah!, evidentemente não é coisa que interesse a um John Brogan.

Realmente, o finado não amou. Foi êle mesmo quem o disse. Casou-se cêdo. Foi bom marido e bom pai. Cercou sua esposa de almofadas de arminho e educou os filhos no gosto apurado pela beleza imortal dos títulos bancários.

John Brogan morreu numa das semanas mais trágicas da guerra. Os gregos iam comemorar com um banquete de lágrimas o seu terceiro aniversário de fome. Os sérvios continuavam a morrer cantando nas florestas da Bosnia, sob os tiros de mauser da Gestapo. Na França, milhares de estudantes deixavam os seus lares e iam viver nos bosques azulados da Alta Savoia, comendo raizes cruas e cantando em voz baixa a Mar-

XILO DE OSWALDO GOELDI para a Editora Leitura

selheza. Na Rússia lavada em sangue, milhões de homens continuavam a morrer pela Democracia. Em todos os paises, enfim, o povo sofria com a demora proposital da redenção.

Pois foi no meio desse panorama dantesco que John Brogan escolheu uma paisagem virgiliana para morrer. Na Flórida há palmeiras. O mar é azul e o céu é azul. O grande ajiota morreu como vivia — a prestações. Os médicos prolongaram no máximo os seus padecimentos, na esperança interesseira de salvá-lo. Porque — pensavam êles — a morte de um Brogan constitue uma desgraça para a grande família dos banqueiros. Balões de oxigênio, injeções, transfusões, etc. Tudo inutil, inutilmente total.

O fato é que Brogan morreu. Envolveram-no em flores, como se acabasse de bater um "record" estratosférico, como se tivesse doado os seus milhões ao fundo de guerra para esmagar o fascismo, como se houvesse declarado em discurso que o suor vale mais do que o dólar. Nada disso aconteceu. Brogan morreu como tinha vivido — pensando em cifras. Mas, a-pesar do barulho infernal da imprensa, como se a morte de um homem não fosse uma coisa comum e natural, uma semana depois John Brogan estava completamente esquecido. Ninguém pensava mais nele. Para que, se havia outro Brogan no lugar? Brogan não é um homem — é uma dinastia. O rei morreu? Viva o rei!...

Ante-ontem, em Nova York, foram abrir o testamento de Brogan. Que revelação! Quando Brogan morreu os jornais diseram que ele era acima de tudo um filântropo. Protetor da pobreza. Amigo de Pio XI. Ganhava muito e gastava tudo. Fundara institutos, criara escolas, bibliotecas, laboratórios, etc. Brogan financiou exércitos, recebeu a gran cruz de São Gregório, emprestou dinheiro aos aliados e tambem a Mussolini, para fundar o fascismo. Brogan era caridoso. Gastava tudo, contanto que fosse em benefício próprio, isto é, de sua classe. Onde quer que fôsse preciso esmagar uma ameaça de felicidade coletiva, lá chegava um cheque de Brogan. Ah!, John Brogan era amigo do povo! Que o digam seus dois filhos mais velhos, herdeiros de seu nome e de sua fortuna. Ante-ontem esses dois príncipes abriram o testamento do velho. Racharam entre si o grosso da herança. A outra parte foi dividida com os parentes mais próximos e alguns mordedores. Depois, numa boa disposição de espírito, Spencer Brogan e Henry Brogan leram esta clausulazinha, do testamento paterno: "Nada deixo para os pobres. Já fiz tudo por êles...".

ZONA COMERCIAL

Escuta a hora formidável do almôço
na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.
As bôcas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.
Salta do mar a bandeja de peixes argênteos!
Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,
olhos líquidos de chão através do vidro devoram teu osso.
Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida,
mais tarde será o de amor.
Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma indecisa, evoluem.
O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.
Multidões que o cruzam não o vêem. E' sem côr e sem cheiro.
Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,
toma conta de tua alma e dela extrae uma percentagem.

Carlos Drummond de Andrade

(Fragmento do poema "Nosso tempo").

REFLEXÕES SOBRE EÇA DE QUEIROZ

PAULO CAVALCANTI

Não se pode negar ter sido Eça de Queiroz um romancista que se eternizou nos fastos de nossa história literária, acompanhando, como uma sombra sugestionadora, as escolas e as tendências artísticas, de sua época aos nossos dias.

Ainda hoje, quando o romance brasileiro parece ter-se neutralizado definitivamente das influências naturalistas; ainda hoje, quando as letras nacionais assumem forma e conteúdo próprios, sem correspondências técnicas através o espaço; ainda hoje Eça de Queiroz se sobrepõe à inspiração de nossos escritores, deixando-se vislumbrar, aqui e ali, nas entrelinhas de muitas páginas e no colorido de vários entrechos.

É que poucos romancistas, como Eça, souberam rebuscar a atualidade infinita de suas teses. E ninguém, como êle, penetrou e compreendeu melhor o mistério — aparentemente inatingível — da continuidade artística, no espaço e no tempo.

Eça de Queiroz não se ligou levianamente, e de um modo geral, "ao seu tempo e aos modelos exclusivos do seu século", como pretendeu afirmar um de seus maiores biógrafos. Mas, o que é bastante diferente, soube trazer para os seus livros certos modelos e determinados assuntos, que êle previa eternos e imutáveis, no desfilar dos anos. Dêsse modo, não houve, em realidade, na obra eciana, pròpriamente, uma antecipação de tipos e acontecimentos, porém uma involução na fisionomia dos homens e dos fatos, que teriam servido de decalque às cogitações artísticas do escritor. A circunstância de se encontrar, nos dias que correm, um conselheiro Acácio em cada esquina, ou um poeta Alencar em cada salão de conferência, deve-se mais às propensões estáticas da mediocridade humana, do que mesmo ao poder de vaticínio do romancista. Caricaturando figuras ridículas da sociedade lusitana e romanceando incidentes da vida comum dos homens de seu século, Eça não tem culpa, nem merece invulgares aplausos, se suas páginas, ainda hoje, se ajustam à realidade do mundo. E quando, das brumas do passado, o espírito sarcástico de Eça de Queiroz reaparece, mais "visual" e mais forte, como agora, nosso contentamento deve ser relativo e sóbrio, uma vez que essa "atualidade" é um sintoma denunciante de que nem tudo vai bem neste mundo de Deus Nosso Senhor...

De colorido regional, à primeira vista, a obra de Eça de Queiroz encerra, na sua essência, um sentido profundo de universalidade. Dos seus romances, poucos sofreram, com o tempo, arrefecimento na veemência de suas téses. "O Crime do Padre Amaro", por exemplo, que, um grande crítico católico afirmou haver perdido muito de seu espírito combativo, representa, ainda, a mais segura, a mais incisiva, a mais terrível investida contra um dógma da Igreja. É que "O crime do Padre Amaro" — como quasi todos os outros romances de Eça — não traduz senão aquela fôrça, não diremos profética, no sentido cabalístico da palavra, mas de singular atualidade do escritor de "Os Maias".

A procura inteligente de motivos humanos, a busca meticulosa de figuras e temas que a humanidade há-de conhecer em tôdas as épocas, fizeram de Eça de Queiroz um romancista sempre novo, lido e relido pelas gerações que se veem sucedendo, até quando, pelo menos, o mundo se mantiver adstrito ao clima social que respiramos.

O oportunismo de Eça, como frizamos, depende menos da fisionomia dos seus personagens, do que da mentalidade dos homens. Se seus romances conseguiram o milagre de avançar cem anos na história do mundo, é apenas porque o escritor foi, nesse particular, favorecido pela imutabilidade do próprio tempo, que pouca ou quasi nenhuma modificação radical apresentou no decorrer de um século. Todavia, se as determinantes políticas e sociais — responsáveis, algumas vezes, pela proliferação incontida dos Padre Amaro, dos Acácio e dos Alencar — chegaram, um dia, a subverter a estrutura da vida, talvés se torne, aí, periclitante o oportunismo do criador de Fradique Mendes.

Dêsse perigo de inatualidade estará livre Machado de Assis, por exemplo: porque Machado forcejou por abstrair-se dos fatos materiais de seu tempo, fazendo subsistir, com isso, seus livros de um modo indefinido, num eterno desafio às reviravoltas sociais do mundo. Assim, seu indiferentismo foi sua fôrça artística; como a ausência de uma definição ideológica determinou a onipresença de suas realizações literárias.

Certa vez, um crítico de literatura chamou Eça de Queiroz de um "abstêmio da ação". Terrível incongruência! Que ação, longe do campo intelectual, poder-se-ia exirgir de Eça? Que ação, por exemplo, dever-se-á reclamar de um Huxley, de um Maugham, de um Lawrence, fora das letras? Nenhuma, decididamente. A ação do artista revela-se na grandiosidade mesma de sua arte. Sòmente sob tal aspecto há-de cingir-se sua força e sua capacidade criadora. Eça de Queiroz, "abstêmio da ação" no domínio das coisas utilitaristas, não o foi, entretanto, no terreno cultural. Fora daí, seria desinteressante focalizá-lo.

De qualquer modo, Eça jamais nos aparecerá como o "abstêmio da ação", mesmo do outro lado da literatura. Pelo menos, sua vida, caracterizada — como escreveu o próprio Álvaro Lins — pela capacidade de afirmação, de revolta, de assumir atitudes, é uma documentação em contrário.

O ideal fixo de luta pela renovação da cultura peninsular, sempre nítido em tôdas as facetas de

suas atividades, transformou o espírito de Eça numa constante indisposição ante o cotidianismo inexpressivo de seus contemporâneos, mesmo quando o pêso da idade e as mazelas de uma doença incurável não deviam permitir êsses instantes de crise revolucionária.

A correspondência íntima do escritor, suas atitudes de cônsul, seus gestos de cidadão "extrovertido, que adere com espantosa mobilidade ao mundo exterior" — como escreveu ainda Álvaro Lins — tudo, em Eça de Queiroz, denotava aquela "percepção extraordinária da Realidade" que, êle mesmo, forneceu modos de um de seus mais sugestivos personagens — Fradique Mendes. Filiado diretamente a uma organização internacional que, ainda hoje, arrepia a sensibilidade e o conservadorismo da classe burgueza, Eça de Queiroz era como que um sismógrafo humano a registrar os dispautérios do século XIX, suas inquietações, suas lutas. A participação do criador de João da Ega na série de conferências democráticas, organizada por Antero de Quental no Cassino Lisboense, é mais um atestado do espírito rebelde e incontrolável do escritor. Abordando, em sua palestra, no Cassino, um tema atrevido e inovador para sua época — dos fundamentos sociais, políticos e econômicos da "moderna literatura" — Eça provocou contra si a odiosidade de seus patrícios, o que valeu uma protelação no seu aproveitamento para cônsul de Portugal, mesmo depois de classificado em primeiro lugar no concurso a que se submetera. O ato governamental, que proibiu o prosseguimento das conferências — "por nelas se exporem doutrinas e proposições que atacavam a religião e as instituições políticas do Estado" — é outro documento que levará à eternidade a dramática figura do intelectual, de "ação perniciosamente demolidora", como asseverou Antônio Cabral, seu contemporâneo e biógrafo.

Em Havana, como representante diplomático da velha terra portuguesa, Eça de Queiroz teve ocasião de reafirmar o seu ideal revolucionário e dinâmico, fóra das letras. A escravidão dos chineses, nos serviços de agricultura de Cuba, provocou no espírito profundamente humano do romancisca uma revolta justa e comovida, dando ensêjo a que o intelectual não vacilasse nas extravações de seu temperamento irrequieto, colocando-se, como se colocou, ao lado dos mais desfavorecidos pela fortuna, contra as matreirices do capitalimo que procurava enriquecer-se da escravidão de mais de cem mil orientais.

Além dos fatos enumerados, que expressam a personalidade de Eça de Queiroz, como homem e como cidadão, muito teriamos a dizer, a propósito da manifestação hostil que alguns portugueses realizaram diante de sua estátua, quinze anos depois do falecimento do escritor, resultando, disso, uma mutilação infâme no monumento erigido à memória do maior de todos os romancistas de língua latina. Contudo, não temos necessidade de volvèr aos pormenores da heresia. A simples referência ao acontecimento, que mãos de iconoclastas e irracionais perpetraram, demonstra, de modo insofismável, o espírito revolucionário e a ação cauterizadora que Eça representou para os seus pósteros. Convenhamos que isso não teria acontecido a um romancista "leviano", inconsequente, "abstêmio da ação".

Álvaro Lins delimitou, no seu livro, o raio de atividade romanesca de Eça num triângulo simbólico: religião, oriente e realismo literário. Todavia, êsse triângulo se amplia, ou melhor, se unifica no desejo máximo do romancista em conciliá-lo, ou submetê-lo mesmo, à maior de tôdas as suas intenções literárias: a intenção social. Ninguém pode separar da obra eciana os fatos sociais. "Poucos escritores terão tido preocupações sociais tão ardentes e tão constantes" — afirmou o próprio Álvaro Lins, ao encerrar seu estudo literário. Aqui e ali, nesse ou naquele pormenor, todos os romances que constituem a galeria eciana revelam a quasi obcessão social do escritor. O mundo, para Eça de Queiroz, não era, como chegaram a dizer, um "instrumento de criação artística", sòmente. Era mais do que isso. Era o palco vivo, de onde o escritor retirava as linhas gerais de suas convicções revolucionárias, e não somente artísticas. Nenhum romancista esteve mais prêso aos fatos da vida, fora das letras, do que êle. E poucos sentiram, de maneira mais obstinada, os dramas sociais de sua época. Não seria compreensivel mesmo que Eça de Queiroz — que renegara a arte pela arte, a arte sem finalidades morais e sociais imediatas — se abalançasse, como disse Viana Moog, a escrever romances, perdendo de vista o lado doutrinário de suas funções.

Eça de Queiroz não foi, assim, o frívolo observador da natureza humana; nem o artista indiferente aos movimentos dinâmicos de seus símbolos. Pelo contrário: foi o homem vinculado às faces exteriores do mundo, o homem que se debateu "no tumulto da riqueza episódica do século XIX, com a sua existência quasi sem história, ao lado de uma grande vida dentro da literatura". Quasi "sem história", sim, porque Eça não fugiu, como célula da sociedade, ao turbilhão de suas leis econômicas, submergindo, aqui, ante a avalanche das desditas sociais, para emergir, mais além, em frente à euforia de seus movimentos mais sadios. Não importa indagar-se si, alguma vez, desprezou o comodismo de suas concepções filosóficas, para vestir a blusa incendiária dos agitadores de praça pública. Nada disso interessa perquirir. O que refulge de sua obra, o que se objetiva, em proporções claras e iniludíveis, de sua vida, é que Eça de Queiroz viveu e sentiu — na arte e fora dela — as tragédias do seu tempo e a gravidade de seu século, tal como os Steinbeck e os Hemingway sentem e vivem os dramas angustiantes de hoje.

MODERNA E MODERNA ARTE

Q. Campofiorito

Já passou tempo suficien-e para precisarmos uma compreensão exata do movi-mento que bem caracteriza a evolução da moderna arte.

Costumo usar as expres-sões "moderna arte" e "arte moderna". Estabeleci, pelo menos para meu uso, dife-rença entre ambas. Possa is-so parecer pedantismo, e até mesmo não corresponder precisamente ao meu desejo. Mas quando digo "arte mo-derna", penso no momento presente, no instante vivido, e assim atinjo a Arte na fi-sionomia que ela nos mostra agora. Isto é, essa evolução que estamos presenciando em nossos dias e na qual pode-mos ver todas as intenções reacionárias do conservado-rismo renitente, que mais ou menos se vai "modernizan-do" timidamente, envergo-nhadamente, e emprestando sempre mais às suas obras um sentido evidente de de-cadência.

No entanto, com a expres-são "moderna arte", quero referir-me à arte de uma ci-vilização que está renascen-do. Quero usar de um sentido muito mais elevado, mais de-finitivo, mais cristalino do que seja a expressão artísti-a que vai, com segurança, apoiar-se nas pesquisas dos dias presentes, contados na ínfima medida de tempo que as nossas próprias mãos vão medindo, ao levantar uma a uma as folhas de um calen-dário. Sim, porque uma de-finitiva expressão da arte não a podemos escravizar em nossa exígua existência.

Em vida nossa, percebe-mos um instante de sua vida.

Da sua evolução que com nossos olhos constatamos, ao que nosso pensamento pode alcançar no futuro conse-quente, essa é a vida da Arte que se está adaptando às cir-cunstâncias sociais, com todo o corolário de compreensões morais e intelectuais.

Assim "a r t e moderna", para mim, se faz bem uma expressão literária para uso particular do presente. E "moderna arte", para uso mais amplo, que possa abran-ger um ciclo evolutivo de ci-vilização, no qual possamos ser incluidos como parcelas mínimas de sua fase inicial.

Talvez explicasse melhor dizendo assim: "arte moder-na" inclui tudo o que moder-namente se está fazendo. E nem podia deixar de ser as-sim. O artista mais conser-vador pode reivindicar para a sua obra a classificação de moderna, porque afinal não foi executada no passado. Enquanto "moderna a r t e" exprime com maior rigor um aspecto artístico diferente, novo, e não simplesmente atual. Há na expressão "mo-derna arte" um prolongamen-to futuro, que muito lhe en-riquece o alcance.

Quem escreve sôbre arte, como quem escreve sôbre um assunto insistentemente, de-ve explicar as expressões que usa. Só por isso o faço, com relação a "arte moder-na" e "moderna arte", que, conquanto para muita gente pareça a mesma cousa, para mim me parece cousa bem diferente.

Qualquer cousa assim pa-recida com "homem grande" e "grande homem". No caso mesmo de dizer-se uma "mu-lher linda" não vai uma fôr-ça de expressão tão intensa como em uma "linda mu-lher".

Fôrça de expressão, é ou não é, cousa importante em arte? Agora os gramáticos poderão contrariar a minha pretensão.

Uma obra de hoje, portanto arte moderna (L. F. Almeida Junior)

Uma tela de Guignard que se integra na evolução da "moderna arte"

A MÃO DE DEUS

ELIEZER BURLÁ

Marcos encostou o rosto na vidraça e olhou a rua molhada que brilhava no escuro, lá fóra. Aos seus ouvidos chegava o ruído da chuva, um ruído desagradável, como se fôra feito por milhares de torneiras pingando. O lampeão da esquina projetava uma luz amarelada sôbre o asfalto, e a água originava reflexos estranhos que assustavam.

— Tempo horrível.... — murmurou baixinho.

Leonora respondeu, com um gemido:

— Ai, Marcos, parece que vou morrer...

— Boba!

Voltou rápido, aproximou-se do leito, segurou-lhe as duas mãos com fôrça.

— Está me doendo muito, Marcos, não podes calcular...

— Eu sei, queridinha, mas, que diabo! um pouco de coragem, um pouco de coragem, Leonora!

— Será que o automovel vai demorar?

Marcos levantou-se ,tornou a olhar a rua pela vidraça embaçada.

— Deve estar chegando, meu bem. Não demora. Controla-te...

— Não posso!

E pronto. Parecia que os nervos iam retornar e que Leonora daria mais uns daqueles gritos sacudidos e histéricos. O marido acorreu, afagou-lhe a cabeça, procurou aproximá-la de si, misturar o seu hálito com o dela.

— Acalma-te, meu bem, tudo isso vai passar, eu juro. Daqui a pouco estaremos no hospital e o médico vai arranjar tudo...

Ficaram em silêncio algum tempo. A chuva caia sempre com a mesma regularidade e Leonora dava fracos gemidos que assumiam ressonâncias estranhas no quarto. Seria engraçado, pensava êle, que Leonora tivesse um filho ali mesmo, de repente, sem a presença do médico, sem a assistência de ninguém senão dêle mesmo. E êle não entendia nada daquilo... Se a "cousa" acontecesse não saberia o que fazer, como agir. Bem, primeiro esquentaria água e depois... Assustou-se com as próprias idéias. Deus que o livrasse!

— Como o carro está demorando, Marcos!...

— Já vem, queridinha, já vem. Tu sabes que do ponto até aqui são cinco minutos, pelo menos. Foi agorinha mesmo que eu telefonei, êle não deve demorar.

Leonora calou-se. O rosto moreno contraiu-se de dor e gotas de suor porejaram-lhe a fronte. Disse com voz apagada:

— Telefona outra vez... eu acho que êle está demorando muito...

—Está bem, meu bem. Mas vai ver que êle já partiu e está quase chegando.

Um automóvel passou perto. As rodas de borracha, encharcadas, chiaram.

— E' êle!

Marcos correu para a janela. Um carro escuro freiava junto ao edifício e êle viu a portinhola do chofer abrir-se.

— E' êle, Leonora. Levanta!

A campainha soou. Êle gritou um "espere" que se perdeu dentro da casa. A campainha soou outra vez.

— Vamos.

— Estou me sentindo fraca, Marcos... ampara-me.

— Segura-te em mim, assim... vamos, que diabo! precisas ser um pouco mais corajosa.

Mas evidentemente Leonora não se sentia com fôrças suficientes para andar sozinha. Marcos viu-se quase obrigado a carregá-la nos braços enquanto saiam do quarto de dormir, passavam pela sala de jantar e entravam no "hall". Com a mão direita deu volta à chave e abriu a porta.

— Boa noite — cumprimentou o chofer, correndo atenciosamente a abrir a portinhola do veículo. E afinal lá se foram em direção à maternidade.

O médico, já informado, recebeu-os e encaminhou-os para a sala. Depois que êle saiu poude ver uma enfermeira correr, carregando gases, algodão e frascos; ouviu o ruído da mesa de rodas na sala de operações; advinhou os gemidos da espôsa, sentiu apertos no coração ao pensar nas torturas que estaria sofrendo. Parou um instante para acender um cigarro e retornou a caminhar no corredor. Afinal de contas teria um filho, sangue e carne do sangue e da carne dêle e de Leonora. Seus olhos certamente seriam esverdeados como os da mãe; não importava que fossem castanhos como os seus, contanto que o nariz não tivesse nenhuma semelhança com o dêle. Tudo,

menos o nariz! Principalmente se êle fôsse menina. Que horror uma mocinha bonitinha —haveria de puxar à mãe nesse sentido — com um nariz comprido e grosso como o dêle. Seria um motivo de vergonha eterna, de ódio eterno. Mas certamente uma operação plástica arranjaria tudo, certamente. Hoje em dia fazem-se tantos milagres estupefacientes no terreno da cirurgia... por que diabo não haveriam de corrigir-lhe o nariz se êle ou ela nascesse com um apêndice monstruoso como o dêle? E Leonora a dizer:

— Não penses nisso, tolo, será o que Deus quiser. Se nossa filha nascer feia, paciência, que seu destino já foi traçado no céu e é bobagem querer fugir a êle...

Mas Leonora era religiosa, religiosa demais para entender que muita coisa tinha acontecido naqueles dois últimos séculos. Êle também era religioso, mas não tanto assim... O fato é que ela ia ficar boba, ia, quando visse a filha depois da operação plástica.

Uma das enfermeiras saiu do quarto: estava pálida e parecia aflita.

— Entre, senhor...

Não perguntou nada. Entrou com afoiteza, chegou até a dar um pisão no pé do doutor. Pediu desculpas, correu logo para o leito da espôsa. Viu que Leonora estava terrivelmente cansada, os olhos pisados de tanto chorar. Quiz dizer-lhe que a amava, que tinha paixão por ela, e de súbito as palavras morreram-lhe na garganta, sentiu-se miserável e pequenino diante dela, miserável e pequenino diante do sacrifício enorme que ela fizera.

— Meu bem... — Não pôde dizer mais nada. Inclinou-se, beijou-lhe as mãos e seus olhos estavam repletos de lágrimas. Um leve pêso pousou-lhe nos ombros.

— Senhor, a criança...

Levantou-se, seus olhos fitaram o médico e, sem que êle soubesse por que, um grande frio começou a penetrá-lo.

— A criança, doutor.

O queixo tremia, seus olhos vasculharam todo o aposento em procura daquele por quem Leonora sofrera tanto. Detiveram-se nas mãos da enfermeira que segurava um pequeno fardo enfeixado de branco.

— A criança... está bem?

Desconheceu a voz, rouca, excitada. A enfermeira olhava alternadamente para êle e para o médico, sem saber o que fazer. Sentiu vontade de esganá-la. Adiantou-se alguns passos, instou para que lhe entregasse o filho.

— Entregue-o, enfermeira...

Com uma lassidão incrível o facultativo retirava as luvas de borracha.

Marcos recebeu aquele fardo branco e mudo nos braços. O rosto descoberto da criança revelou-se porejado de pontinhos vermelhos e escuros. As pálpebras sem cílios co-

briam-lhe os olhos como asas de mariposas. As mãosinhas, encarquilhadas como as de um velho, estavam fechadas, porém, sem energia, sem vida. Tentou em vão ouvir algum som, qualquer sinal que indicasse presença de vida.

— Doutor... — A palavra era uma ponte de emergência, sem apôio quase. — Doutor...

Não teve resposta. Mas ainda assim, apesar do frio que começava a gelar-lhe as mãos, não compreendeu, não quis compreender. Apertou o filho de encontro ao peito, cobriu-lhe o rosto de beijos. Algumas palavras sôltas chegaram até êle, parece que tentavam explicar-lhe os motivos do desastre. E êle continuou não percebendo nada. Só extranhava que a criança não chorasse, um pouco pelo menos, como todos os recém-nascidos. Voltou-se outra vez para o doutor, para a enfermeira... quis indagar algo... Viu que todos os olhos fugiam ao seu olhar, que os rostos se esquivavam temerosos. Então compreendeu.

Há muitos anos atrás, quando se casara, afirmara aos amigos mais íntimos que não queria filhos. "Êles só dão dor de cabeça, atrapalham, custam-nos os olhos da cara e afinal nos voltam as costas com a maior ingratidão". Leonora nunca o contrariara neste particular. "Será o que Deus quiser, Marcos..." E viveram felizes muitos anos, compreendendo-se cada vez melhor. Uma noite, êle se lembrava, estavam a sós na sala após o jantar: Leonora costurando, êle lendo os jornais da noite. O rádio estava ligado e vinha uma doce música para dentro do aposento. Era um minueto cândido, quase infantil, arrancado limpidamente das cordas dos violinos. "Bonito", Leonora levantou a cabeça, sorriu-lhe piscando os olhos. "Bonito, sim". Seus olhos corresponderam e o rosto abriu-se num sorriso amigo. E depois êle leu que os alemães estavam massacrando as populações das aldeias russas ocupadas. Seguiu-se uma voz vibrante anunciando com entusiasmo um limpa-móveis, e outra música — uma valsa — entrou pelo alto-falante do rádio e dansou em seus ouvidos. Êle soltou o jornal, ficou ouvindo mais ou menos distraido enquanto fitava a espôsa. Seus cabelos escuros caiam ,ondulado, sôbre os ombros; o nariz reto marcava-lhe bem o perfil fino e bonito; a concha com uma pérola dentro, do brinco, brilhava sob a luz do pequeno abat-jour verde da mesa. Sentiu, como se o descobrisse pela primeira vez, quanto amava Leonora, e que era necessário era muito necessário — que subsistisse no futuro alguma coisa de seu amor. Quando morressem, um outro coração — feito da união do coração deles — continuaria batendo, sôbre a terra, amando, [illegible] rendo. Compreendeu que o filho estava fazendo falta. Disse: "Leonora!" Aquele nome sôlto assim, no espaço, soou diferente, com uma vibração inesperada. "Leonora!" O idiota do rádio aproveitou para falar do limpa-móveis, mas sua voz foi sincopada como um movimento brusco. Entre os dois ficou apenas aquele nome, agora murmurado com suavidade; depois vieram outras palavras também doces, também queridas, como se Marcos estivesse recitando um poema de amor. Leonora chorava. "Eu sabia que um dia você haveria de querer, Marcos, eu sabia! Rezei tanto..."

E agora Leonora estava estendida no leito inerte, morta talvez.

Aproximou-se, disse:

— Leonora, quase num sôpro.

Ela entreabriu os olhos com esfôrço: estavam vidrados, como se as lágrimas tivessem se congelado sob as pálpebras. O rosto moreno, agora de um amarelo esmaecido, tentou franzir os músculos. Inútil. Apenas os lábios conseguiram separar-se um pouco deixando uma estria escura entre ambos. Quiseram sorrir, quiseram pronunciar alguma palavra de carinho, de amor, ou de perdão... quem sabe?

Os dois se fitaram assim por alguns momentos. Depois êle, com gesto patético, ofereceu-lhe a criança morta.

Foi só então que Leonora acordou. Os olhos umedeceram-se, dissolvendo o vidrado que os tornava fixos, sobrenaturais; uma golfada de sangue coloriu-lhe a face, e a mão, que estava inerte sôbre a coberta, levantou-se num gesto instintivo de defesa; os lábios, num princípio de chôro, arremedaram uma careta cruel e trágica deformando a bôca; os seios, crescendo de repente, engendraram um suspiro fundo e doloroso.

Tudo se passou em poucos e vertiginosos segundos. A enfermeira, com um grito, havia arrebatado o menino dos braços do pai e se atirara para fóra, para o corredor, onde existia sol e ar, onde existia vida, vida verdadeira e indiferente à morte e à tragédia.

Agora, porém, parecia que tudo havia mudado, que aquela horrível imobilidade que lhes condicionara os gestos em câmara lenta, esfumara-se. Dando um passo à frente, e ajoelhando-se, Marcos escondeu a cabeça no braço da mulher enquanto deixava que o chôro o sacudisse em breves e dolorosas sacudidas. Sentiu que ela se voltava um pouco e lhe afagava os cabelos com a outra mão. Depois, com uma voz pouco segura, ouviu-a falar do futuro,

Manifesto aos serventuários da Prefeitura do Distrito Federal

Quando se aproxima o dia do regresso dos nossos colegas — ex-combatentes da gloriosa F.E.B. — que de armas na mão, lutaram arriscando as suas vidas, oferecendo heroicamente o seu sangue e a sua mocidade pela conquista da mais difícil e decisiva vitória democrática dos povos amantes da PAZ e da LIBERDADE, nós outros, os que aqui ficamos, na retaguarda, reconhecemos sem qualquer vacilação, a crescente soma de responsabilidades que nos impõe o momento de extraordinária significação que estamos vivendo.

Dentre outras questões de relevante magnitude e oportunidade se destacam os movimentos de Ajuda e ampla assistência ao ex-combatente da FORÇA EXPEDICIONÁRIA.

Não poderiamos como classe ou corporação, permanecer indefinidamente na atitude de méros espectadores ou beneficiários comodistas, de uma vitória que tem custado aos povos das NAÇÕES UNIDAS, as maiores dôres, os mais terriveis sofrimentos, jamais experimentados pela humanidade.

Às forças militares das Nações democráticas que lutaram e lutam ainda heroicamente, contra o banditismo agressionista, coube, sem dúvida, suportar o maior pêso de todo êste tremendo e imensurável sacrifício.

Dentre essas forças, para o nosso orgulho e eterna glória da nossa PÁTRIA, estão os nossos queridos irmãos da F.E.B. Nas suas fileiras, contamos vários dos nossos colegas da P. D. F., seus filhos, seus parentes, seus entes queridos. Para com êstes bravos, assumimos implicitamente especiais e inadiáveis deveres de solidariedade, impostos pela nossa conciência cívica e decidida convicção democrática.

Hoje, mais do que nunca, se apresenta viva e palpitante a oportunidade de desobrigarmo-nos honestamente destes deveres, provando com ações práticas o nosso reconhecimento e a nossa decisão de corresponder lealmente, com desprendimento e superior espírito de renúncia ao inaudito sacrifício de "sangue, suor e lágrimas", com que êstes nossos compatriotas — os heroicos ex-combatentes da F.E.B., — souberam tão bravamente contribuir para a vitória dos sagrados ideais da Democracia e da Liberdade, em todo o mundo. E é por isto, exatamente que, servidores da PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL, decidimos promover um amplo *Movimento Democrático de Ajuda ao ex-combatente da F.E.B.*, e de irrestrito apoio aos seus propósitos patrióticos. E' nosso objetivo prestar tôda assistência material e moral aos nossos colegas ex-combatentes, procurando satisfazer os seus justos desejos, minorar algumas das suas mais urgentes necessidades, solidarisando-nos com seus legítimos interesses e as suas justas reivindicações.

Promoveremos campanhas para coleta de várias lembranças que lhe serão oferecidas, dos poderes públicos pleitearemos, em seu favor, como justo premio da sua dedicação patriótica, da sua bravura, várias medidas, tais como licença prêmio por longo período, promoções, construção de casa própria e outras. As suas famílias dispensaremos ainda tôda a atenção e apoio moral, a que fazem jús, sem nenhum favor.

Para os que não mais possam reassumir o exercício dos seus cargos; para as famílias dos que tenham gloriosamente tombado no campo da luta, pleitearemos favores especiais, e, em seu benefício, promoveremos tambem campanhas especiais de auxílio.

Num plano moral muito podemos e dèvemos igualmente realizar: visitaremos os feridos, as suas famílias, nada poupando por demonstrar-lhes o elevado grau de nossa consideração e a crescente estima que lhes dedicamos. Tudo faremos ainda, para garantia da inalteravel regularidade dos fornecimentos indispensáveis à F.E.B. e ao seu repatriamento. Para segurança e tranquilidade dos nossos compatriotas ex-combatentes e de quantos lhes são caros; para que nenhum obstáculo possa interromper a progressiva democratização da nossa pátria; — POIS EXATAMENTE PELA DEMOCRACIA E A SUA INSTAURAÇÃO NO BRASIL SE BATEU VALOROSAMENTE, A F.E.B., é do nosso dever impedir, a custa de todos os sacrifícios, a perturbação da ordem de que se aproveitariam os nossos inimigos para apunhalar pelas costas a nossa gloriosa FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA.

Lançamos, pois, um apelo veemente aos nossos colegas, sem qualquer distinção, para que prestem o seu patriótico, imediato e efetivo apoio ao *Movimento Democrático dos servidores da Prefeitura, de Ajuda aos ex-combatentes da F.E.B.*, certos de que cada qual saberá cumprir espontânea e entusiasticamente com o seu dever de brasileiro conciente.

Viva a vitória das Nações Unidas!
Viva a F. E. B.!
Viva o Brasil Democrático!

---

da felicidade e da alegria futuras que teriam quando retornassem ao lar. E lhe contar, muito em segredo, como são extranhos os caminhos do, Senhor, e que, na morte do filhinho deveria ver a mão de Deus, a mão que castiga e que premeia e que, com um simples movimento, decide do destino de todos os sêres...

Mas pela primeira vez as palavras de Leonora não o convenceram. Pela primeira vez êle não se conformaria com os desígnios de Deus, porque Deus não fôra bom para êle, não lhe permitira prolongar-se sôbre a terra. Jamais se conformaria com a morte da criança. Seu filho, não poderia morrer, não deveria ter morrido. Onde encontraria fôrças, no futuro, para realizar uma nova tentativa? A primeira esperança fôra também a última. Entre êle e a espôsa ficaria o desencanto de uma tentativa falhada, e um medo terrível de pecar outra vez, de outra vez re-criar-se.

O médico bateu de leve no seu ombro. Levantou-se. Com a fisionomia compungida o facultativo começou a lhe pedir que se conformasse, que aceitasse sem discussão os desígnios do Senhor. Mas, de súbito, as palavras morreram-lhe na garganta. Seus olhos, cruzando-se, haviam recebido em cheio a silenciosa porém terrível revelação de um homem que acabava de perder a fé.

MISCIGENAÇÃO RACIAL E A EVOLUÇÃO ETNICA DO BRASILEIRO

CORIOLANO ROBERTO ALVES

Catedrático de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas

"Deus fez nascer de um só sangue, todo o gênero humano". (S. Paulo ao areópago de Atenas, atos dos Apóstolos, cap. XVII, verso 26).

Em nosso trabalho, "Considerações em tôrno da questão racial" (*), focalizamos o assunto sôbre a pretensa teoria da superioridade racial afirmando que existe a desigualdade entre os povos, a desigualdade biológica resultante das leis de hereditariedade entre os vários grupos étnicos, que se acham espalhados pela face da terra, mas não a superioridade de uma raça sôbre outra.

O meio é outro fator de importância para explicar a desigualdade existente entre os varios grupos humanos. Sabemos que pela ação do clima, pelas condições de vida, do meio ambiente e de alimentação tanto o individuo como um grupo humano qualquer poderá sofrer transformação, adaptando-se ao novo meio. Desta forma as características anteriores próprias do indivíduo ou do grupo étnico que está sujeito às ações seletivas e diretamente modificadoras do ambiente, irão sendo substituidas ou eliminadas para serem fixadas outras em seu lugar.

O cruzamento entre os varios grupos étnicos, como sabemos, remonta aos tempos pré-históricos. Assim sendo, a miscigenação racial é fato inconteste, pois isso se verifica em um povo pelos caracteres pertencentes a um e outro grupo humano dos quais se originou; todo grupo étnico é mais ou menos heterogêneo, pois constitue produto da fusão de varias raças embora apresente alguns caracteres próprios e independentes.

Não é a miscegenação racial, como alegam alguns, fonte de degeneração da espécie humana uma vez que os elementos mesclados sejam bons, sadios e de boa ascendência.

O Brasil constitue exemplo frisante do que acabamos de dizer. Os numerosos grupos étnicos aqui existentes provam que o elemento alienígena em nosso país adaptou-se ao novo meio tropical, bem diverso do de sua origem; por um processo de adaptação o nosso meio assimilou o europeu que aqui constituiu sua família, cujos descendentes apresentam os mais variados tipos étnicos na formação do brasileiro.

Como dissemos acima, há quem admita os maus resultados da mestiçagem alegando ser o mestiço um produto degenerado e débil, prejudicial, portanto, à humanidade.

A Eugenia, no entanto, nos ensina que o cruzamento quando bem orientado trará certamente resultados satisfatórios. Sempre que o cruzamento obedecer ao critério da seleção teremos do resultado da fusão entre os elementos rigorosamente selecionados, que as boas qualidades físicas e intelectuais, peculiares à espécie humana, sejam de real vantagem para os elementos a se fundirem. O número de tarados aumentará se os meios preconizados pela Eugenia não forem postos em prática; o alcoolatra, por exemplo, é quasi sempre um desequilibrado mental; seu filho poderá não apresentar tendências ao alcoolismo, mas não deixará de transmitir aos seus descendentes, de acordo com as leis da hereditariedade, a tara herdada dos seus ancestrais.

Assim procedendo, é natural que os elementos de fusão portadores das diversas anormalidades psiquicas como a epilepsia, a histeria, a oligofrenia, tendência ao alcoolismo e muitas outras taras, que parecem formas recessivas de uma herança mórbida, mais ou menos intensa, bem como os defeitos físicos incompativeis com a vida, sejam devidamente afastados levando-se em conta as leis mendelianas sôbre a transmissão dos caractéres genéticos que provam a possibilidade de multiplicação das variedades raciais.

Considerando êste fato, o mestiçamento só não será benéfico se os elementos de fusão forem portadores de taras ou vícios de conformação; caso contrário, a fusão de dois elementos da mesma espécie trará vantagem uma vez praticada a seleção. Muito embora o cruzamento aqui não obedêcesse a nenhum critério eugênico-científico o nosso país está auferindo grandes vantagens na evolução do seu tipo racial.

O Brasil, que encerra grande variedade de tipos étnicos em sua população, constitue o elemento principal de nossa tese, e, porisso, diremos que entre os elementos alienígenas que figuram no nosso "melting-pot" estão o português, o italiano, o espanhol e muitos outros europeus que se cruzaram com o brasileiro, dando-nos bons resultados; o cruzamento havido entre o nosso selvícola e o elemento português constitue, a nosso ver, produto sadio.

Muito lucramos com o caldeamento entre o nacional e o alienígena; do contáto havido entre o estrangeiro e o brasileiro resultou o estímulo para o espírito de organização do nosso país, que deu ao nosso patrício a iniciativa, avivou-lhe a faculdade de evoluir, ensinou-lhe a técnica do trablho. Todos nós temos ascendentes e descendentes que trazem em seu sangue caractéres dêsses elementos alienígenas.

Os maiores antropologistas e sociólogos do mundo são acordes em afirmar que a mestiçagem não é prejudicial à evolução dos povos, o que nos anima, sobremodo, quanto ao futuro do tipo racial brasileiro.

Dessa forma o Brasil de amanhã terá engendrado um tipo racial, de civilização bem diversa da de hoje, pois o processo evolutivo da miscigenação em nosso país ainda se acha em pleno inicio, data de 50 e poucos anos, mais ou menos, a corrente imigratória entre nós.

As correntes imigratórias européias que aqui aportaram, constituidas de várias etnias, trouxeram o aumento da população branca da qual resultou a variedade de tipos interessantes que possuimos e que farão com que, cada vez mais o elemento mestiço atinja uma fase em que o nosso tipo racial seja uma realidade.

Se o processo de povoamento foi muito mais rápido do que esperávamos, devemos em parte ao cruzamento havido entre o nosso selvícola, o negro e o elemento

europeu, que nos tornou hoje uma nação de mais de 45 milhões de almas.

E' provável que o elemento mestiço jamais seja absorvido, pois, como se sabe, para que haja raça absorvente é mister que o elemento gerador, que neste caso é o mestiço, seja eliminado. O povo brasileiro apresenta pequena percentagem de sangue europeu, africano e indígena, mas isto nunca será motivo para se considerar fator degenerativo da raça, pois quasi todos os povos, como vimos apresentam maior ou menor grau de mestiçagem. Vemos isso com o francês, o povo resultante da fusão dos gauleses (ramo dos Celtas) com os Ibéros, antigos habitantes do país, romanos, gregos e gôdos; o italiano é, tambem, um povo mesclado, pois em sua formação étnica existem o gaulês, o germânico e o estrusco ao norte, encontramos no centro o latino que ainda se conserva, mais ou menos puro, e no sul o latino caldeado com o grego e o africano. Disso resultou, evidentemente, a diferença étno-antropológica existente entre o italiano do norte, do centro e do sul; o espanhol, por sua vez, é constituido da mistura do latino e dos celtas, que os precederam na Espanha, e mais os mouros e os teutões que, depois, foram expulsos daí pelos romanos; o inglês constitue, igualmente, o resultado da mistura de vários grupos étnicos, figurando nela os anglos e os saxões em mistura com os primitivos povos da Inglaterra (celtas, latinos e arameus) e mais os normandos e dinamarqueses; os teutões ocuparam a Escandinavia, a Alemanha, boa parte da França, Grã Bretanha, Itália, Espanha e o norte da África; porém, nestes paises foram mesclados a outros grupos étnicos pertencentes às diversas famílias sendo depois por estas racialmente dominados. Assim sendo, os alemães, descendentes dos antigos germânicos, acham-se mesclados aos diversos povos do sul da Europa, principalmente aos de leste. O slavo é tambem constituido por vários grupos étnicos; sua filiação é complexa, pois está ligada ao deslocamento gradativo dos povos oriundos da Ásia. A família grega, originária das antigas tribus conhecidas sob o nome de Pelasgos, sofreu, do mesmo modo, a miscinegação em virtude da conquista de grande parte da Ásia por Alexandre; mais tarde, porem, os romanos e os eslavos dominaram os gregos misturando-se a eles; alem desses grupos figuram os egípcios na formação étnica do povo grego; os albaneses, pertencentes à família grega, são os antigos descendentes dos Ilirianos que depois se misturaram aos gregos e eslavos; o japonês, considerado povo mais ou menos puro, nada mais é do que o resultado da mistura entre o mongoloide, branco e malaio. E assim, vemos que todos os povos constituem produtos de fusão de várias raças embora apresentem alguns caracteres próprios e independentes.

Provado como está que todos os grupos humanos são mestiços, em maior ou menor grau, e facil compreender agora, que dessa fusão resultou, evidentemente, perderem os elementos mais fracos alguns de certos atributos em favor dos mais fortes. A explicação desse fato é dada pela lei de Mendel, segundo a qual os traços caracteristicos de um povo podem predominar sôbre outro de acordo com os caracteres recessivos e os dominantes.

Considerando tudo isso é que achamos injusta a afirmativa de que o nosso mestiço, principalmente o nosso caboclo, é um incapaz, um indolente, e que sua capacidade de adaptação é inferior às dos outros grupos étnicos tidos, por alguns, como não mestiçados.

Ora, se não existe a superioridade de uma raça sôbre outra mas sim a desigualdade entre elas, é natural que nós brasileiros olhemos o nosso mestiço com grande otimismo, cujo importante papel lhe está reservado na formação étnica nacional.

O nosso caboclo, por exemplo, apresenta alguns traços físicos, psíquicos e culturais herdados do selvícola, do branco e do negro. O elemento físico aparece no Brasil, centro de fusão de tantas raças, tão importante quanto o elemento propriamente cultural, pois posuimos em nossa população uma diversidade física, psíquica e cultural de outros povos; o caboclo brasileiro possue capacidade mental para assimilar todas as culturas de ordem múltipla.

Muito embora o nosso sertanejo não tenha cultura própria nem tipo somático definido, apresenta, todavia, uma notavel capcidade para os empreendimentos de vulto: são portadores de aptidões para vários mistéres da importância para o país.

Êsse nosso patrício, mesmo o de cultura atrazada, sabe reagir ao meio e a êle se adapta. Dotado como é de inteligência e de uma capacidade mental notavel para compreender tudo o que se refere á civilização de um povo não pode ser um deficiente mental, um indolente, um incapaz, como lhe querem atribuir certos autores.

Amilar Alves, em um trabalho sôbre etnografia brasileira, referindo-se aos nossos sertanejos, entre outras coisas, diz: "... Há quem timbre em desairar-lhes os modos e as qualidades e também quem se julgue com o direito de recriminá-los por dá cá uma palha, mas ninguém atenta no dever de encaminhá-los para a correção de seus defeitos ou para o desaparecimento dos ávitos costumes, que lhes são prejudiciais". E, mas adiante, ainda, referindo-se a um artigo publicado em um dos nossos melhores jornais, sôbre os nossos sertanejos, em que o articulista entendia que o nosso Govêrno deveria proceder com relação aos caipiras, da mesma forma que os Govêrnos de outros paises procederam quanto aos índios, isto é, deveria abandoná-los à sua sorte e obrigá-los a deixarem livre a terra, que fôsse encontrada em seu poder sem nenhuma cultura, classificando-os de imprestáveis, incapazes para qualquer cometimento de vulto e que nunca poderiam ser aproveitados para um trabalho regular, por serem indolentes.

Amilar Alves, numa expressão de revolta, escreve: "Poderá haver maior destempero e maior injustiça flechada contra os nossos sertanejos?... Mas continuemos. Os nossos caipiras, como já ficou dito, não são indolentes, nem incapazes. O que lhes falta para que possam ser mais úteis ao Estado, é apenas educação e um meio-ambiente adequado. Despojados de suas terras, sob o fundamento de que êles não as cultivam por incapacidade ou indolência, é crime que brada aos céus... Coloque-se um desses nossos patrícios em outro campo de atividade e veremos logo a mudança que se lhe opera na disposição e até nos sentimentos".

Efetivamente, o nosso sertanejo possue qualidades suficientes para desempenhar funções nos vários campos da atividade humana mas é preciso que êle seja tratado e orientado convenientemente. Não há, pois, razão para que seja êle considerado inferior aos outros.

Ora, se a Eugenia é a higiene da espécie que visa orientar, biològicamente, os sêres humanos na formação das novas gerações,

A LITERATURA SOVIETICA
no periodo do "Comunismo de Guerra"

OSORIO CESAR

Nos primeiros anos da Revolução Russa, houve, entre os jovens escritores, um grande movimento em tôrno da mecanização da arte o qual se manifestou com mais intensidade na poesia e na literatura.

Não se tratava somente de liquidar Tolstoi, Dostoievski, Gogol e Puschkin, mas também de destruir qualquer conceito da tradição literária, como o gênio, a intuição, a vocação, o sentimentalismo.

Baseados na teoria de Pavlov sôbre os reflexos condicionais, explicavam o mecanismo do gênio, do talento, da intuição, como resultantes de reações psicológicas mecânicas.

Tôda a produção da psique humana se despia do carater de mistério para tornar-se uma reação fisiológica mecânica, calculada exatamente com antecipação, dando lugar portanto à "fabricação artificial dos poemas, dramas e qualquer outro produto literário".

Fundou-se também o grupo dos "imaginistas" que com seus chefes Cherchenevik e Marienhov esteve por muito tempo na vanguarda da revolução literária. Cherchenevik, na sua obra "Duas vezes dois são cinco" diz: "A imagem sem relação com outra imagem é o nosso fim, a imagem em si mesma: uma obra poética que contenha uma imagem dominante à qual se subordinam tôdas as outras, para nós não existe. A imagem que nós concebemos é tema e conteúdo. Deve representar uma unidade perfeita em si mesma, porque cada união de imagens isoladas é trabalho mecânico, não organizado. Uma poesia não é um organismo, mas um conjunto de imagens, cada qual podendo ser retirada sem prejuizo, assim como também vinte outras imagens poderão ser acrescentadas. Somente quando cada unidade é perfeita em si mesma é que se pode obter um todo belo. Eu estou firmemente convencido de que um livro deve ser lido com igual sucesso, do fim para o comêço, assim como os quadros de Jakulov ou de Erdmann (dois pintores revolucionários) podem ser, sem prejuizo, dependurados de cabeça para baixo."

Com essa mesma orientação fundou-se o grupo dos *Ego-futuristas,* cujo chefe, Klebnikov, levando ao extremo o valor da palavra em si, compõe poemas sôbre uma única raiz.

Em resumo, essas diversas correntes literárias declaravam que a poesia nada tinha que ver com os preconceitos burgueses do talento e da inspiração.

Como essas teorias não estavam a serviço do momento político, tratou-se de cultivar a poesia de efeito revolucionário, que inflamasse as massas. Demian Bedni foi o primeiro a cultivá-la falando no "tremendo furor, no "ódio flamejante", procurando infundir nas massas o sentimento marxista. E' dêle a "Marselheza

---

preservando-as dos males físicos e morais que flagelam a humanidade, é natural que ela seja aplicada em nosso país maximé, aos nossos sertanejos e imigrantes.

Como bem salienta Otávio Domingues em seu livro, "Hereditariedade e Eugenia", "Existe uma ilusão manifesta a respeito da Eugenia e que muito se tem espalhado e ganho vulto. E' a de que a Eugenia tem por fim transformar a humanidade em super-homens. Êsse é um exagero, condenável como todo e qualquer exagero... A humanidade para ser feliz não precisa de super-homens. Precisa, ou melhor, carece de homens normais, equilibrados física e intelectualmente".

Nesse sentido é, ainda, Amilar Alves, quem afirma: "Há serviços de proteção aos índios. Não seria, pois, obra meritória e de grande patriotismo a instalação também de um serviço de proteção a êsses caboclos?... O nosso caboclo poderá ter os seus defeitos como os têm outros povos, porém são suceptíveis de correção"...

Concordamos integralmente com isso. Um serviço de proteção ao nosso sertanejo trará grandes benefícios à nossa população. Do mesmo modo, também, se pudermos selecionar os elementos étnicos decorrentes da imigração, não só sob o ponto de vista da Higiene Mental, mas também sob o ponto de vista físico e cultural, obteriamos real vantagem para a miscigenação do brasileiro, prestando assim relevantes serviços ao Brasil.

Assim sendo, estamos certos de que as mais altas autoridades do país encarando os problemas de Higiene Mental e de Eugenia, com elevado patriotismo, conseguirão melhorar as condições dêsses elementos étnicos de importância para a futura geração de brasileiros.

Se futuramente os poderes constituidos nacionais volverem os olhos para êsse problema de magna importância para um país novo, como é o nosso, seremos um povo, cada vez mais forte, digno dêsse nome.

(*) — Trabalho publicado no Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas. — 1943.

Comunista". Em 1923 recebeu como prêmio à sua bagagem literária a "Bandeira Vermelha", tornando-se o poeta querido das massas e do Partido Comunista. O seu triunfo foi devido sobretudo à sua linguagem simples, acessível a todos.

Contra Demian Bedni apareceu uma corrente nova aclamando Maiakovski, o grande poeta revolucionário, que pela sua fôrça e arrôjo brutal em nada estava abaixo de Bedni. O seu poema, "150 milhões", uma epopéia da revolução, tornou-o célebre, e a sua poesia trouxe importante contribuição à política na época da reconstrução da Rússia.

Para Maiakovski, a arte deve estar sempre pronta ao serviço de cada dia. A poesia deve ser de circunstância, e êle se orgulha do seu laboratório de palavras".

Maiakovski nasceu em Bagdady (Geórgia) em 1894. Foi por ocasião do fracasso da revolução de 1905, por uma atroz repressão do govêrno czarista, que Maiakovski começou a viver. Em 1898 filiou-se ao partido bolchevista como militante. Duas vezes preso, passou 11 meses no cárcere de Butyrskaia. De lá saiu mais que nunca inimigo da burguesia. Em 1911, com Burliuk e Kamenski fundou o futurismo russo, e por essa ocasião entrou na Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura, de onde saiu expulso em 1914 como futurista.

A revolução de fevereiro de 1917 (golpe de Kerenski) deixou-o indiferente: era a burguesia que estava no poder. Entretanto, aderiu com entusiasmo e sem restrição à revolução de outubro (bolchevique), sentindo que o poder soviético era uma fôrça que poderia aniquilar a burguesia.

No comêço da revolução, Maiakovski cheio de ardor, trabalhava voluntàriamente 16 - 18 horas por dia. "Deitavamo-nos, dizia êle, às 2 ou 3 horas da manhã; em vez de um travesseiro, nossas cabeças repousaram sôbre um pedaço de madeira; nós tinhamos almofadas mas receiavamos acordar tarde".

A todos pareceu incompreensível e inesperado o seu suicídio em 11 de abril de 1930. A sua vitalidade, a sua coragem, o seu amor ao trabalho não deixavam prever semelhante desfêcho.

Reproduzimos aqui um fragmento de dois dos seus poemas que poderão dar uma idéia da sua obra:

26 - 27 FEVEREIRO 1917

26 fevereiro. Bêbados, misturados aos agentes [de polícia
soldados atiram contra o povo,
27.
Sôbre os cânos dos fuzis, sôbre os gumes das [baionêtas,
se estende uma aurora,
avermelha, purpureia, prolonga-se.
Severa e lúcida,
na sua caserna rançosa
reza o regimento de Volkynie.
As companhias
juram pelo Deus cruel dos soldados.
As frontes em tropel batem no sólo.
O sangue quente incha as têmporas.
A dôr aperta as mãos no ferro.
Ao primeiro que ordenou
— a atirar pela fome! —
uma bala lhe fechou a bôca clamante.
Um grito: "Firme"
se abafa num peito furado.
Eo furacão das companhias desencaadeia sôbre [a cidade.

....

Vejamos agora o poema "150 milhões" no qual Maiakovski exalta o homem coletivo:

150 MILHÕES

Eis aqui o nome do autor deste poema.
Crepitar de metralhadoras:
Êste é o ritmo...
Os vossos passos estamparam-se no sólo
fortes como caracteres:
150 milhões:
caminhai com o vosso passo pesado!
Assim foi impressa aqui esta edição.

Um poeta proletário interessante é Alexandre Bezymenski. Nascido em 1898. Com a idade de 18 anos já era membro do partido bolchevista. Tomou parte ativa na revolução de outubro, em Leningrado. Em 1920 publicou os seus primeiros versos com o título de "O jovem proletário"!; em 1921 "Em direção ao sol"; em 1924 "O cheiro da vida"; em 1927 "Uma ordem do Universo", etc. Alexandre Bezymenski nos seus "Poemas que fazem aço" encoraja seus companheiros na realização do plano quinquenal, e se ocupa de todos os problemas da atualidade política e econômica da U.R.S.S.

Do seu último livro transcrevemos os seguintes versos:

MANGUARI — GABALAU — GALALAU

O Dic. Contemporâneo, primeira edição (1881), não consignava o termo manguari. Em 1899 apareceu a primeira edição do Novo Dic., que o consignou pela primeira vez, e assim definiu: — " (bras.) o mesmo que gabalau; (bras. do S.) homem muito alto e corpulento".

A segunda edição do Contemporâneo, saída a lume em 1925, corrigindo a falha da edição anterior, incluiu o verbete: — "Manguari", (bras.) o mesmo que gabalau; (bras. do S.) homem corpulento e muito alto.

Não conhecendo eu o termo gabalau, procuro-o em ambos êsses dicionários e não encontro; a omissão é geral, porque nenhum outro dicionário da lingua dá notícia do tal brasileirismo. Recorro aos vocabulários de brasileirismos, desde o velho Cojua até o Rodolfo Garcia — e nada!

Em 1927 publicou João Ribeiro as Curiosidades verbais, que adquiri e li com a atenção que merece. Vejo ali, na página 174, que há um termo, galalau, referido por lendas populares a um sujeito alto e magro. Confiro os dois dicionários omissos para gabalau, e vejo que ambos definem o termo apontado por João Ribeiro. Só então compreendi o enigma: — o Contemporâneo copiara o verbete do Novo Dic., edição de 1922, sem lhe alterar siquer o erro de imprensa, que aliás está mantido nesta última obra até a sua quarta e derradeira edição. E' assim que se escreve a... lingua. — *Mota Coqueiro.*

A CANÇÃO DO FOGUISTA DOS ALTOS FORNOS

Êste bloco negro foi cavado
com golpes oblíquos de picareta
por um braço
negro, caloso e endurecido.
Êste carvão
para nossa grande União Soviética
E' ouro enegrecido!
Ouro puro enegrecido!

....

E assim vai continuando.

No poema "Soldados vermelhos do plano quinquenal" Bezymenski incita seus camaradas de trabalho:

....

Apressa ainda teu trabalho
camarada motor!
Nada de descanso,
meus vizinhos
nada de dúvidas!
Lança o plano quinquenal,
sereia, o teu clamor!
Mostra-nos o caminho
para a vitória!
Estende-nos,
irmão operário,
o teu aperto de mão
Forte e bolchevista!
Operário! teus motores
são soldados
de amanhã.
Exército vermelho
do plano quinquenal!

Um dos representantes mais talentosos da literatura proletária é Artiom Vessioly. Seu verdadeiro nome é Nicolai Kotchkurov. Nascido em 1898. Até agora consagrou-se à descrição da Rússia camponesa durante a revolução.

Vessioly considera o povo como um todo que não deve ser detalhado. Os personagens aparecem na sua obra a título representativo como figuras em alto-relêvo que continuam sempre presas ao fundo comum. Muitas vezes as conversações aparecem sem o nome dos interlocutores. Muitos jovens escritores russos contemporâneos julgam ser fortes quando são grosseiros. Vessioly é grosseiro e forte. A sua tendência é para a simplificação. Seus personagens tratados num estilo brilhante e viril são rudes e de carater fortemente marcado.

A literatura russa é um fenômeno interessante que se processa com mecanismo original da própria cultura popular. Cada dia ela se intensifica mais com o aparecimento de novos escritores da massa cada qual com o seu ponto de vista artístico, suas tendências.

Entre os livros de mais sucesso saidos nos primeiros anos da revolução citam-se: "A cédula", de Corbatov; "A primeira senhorinha" de Bogdanov; "Na Estrada", de Platochkine. A maioria desses livros são da juventude comunista.

A vida das fábricas e usinas foram descritas com grande entusiasmo por Liachko, o artista incomparável do "O alto fôrno", da "A morte evitável" e do "Os Ferros" e por Ivan Jiga no seu livro aparecido — "Os novos operários". São trabalhos diferentes da literatura ocidental porque não têm nenhuma ação romanesca. Tratam unicamente de dados, cifras e outras ocorrências da vida operária. Essa foi a literatura de massa, a literatura formidável da reconstrução da União Soviética.

L I V R O S

POEMAS DE UMA VIDA SIMPLES — Solano Trindade. — O livro de um poeta negro que canta essencialmente motivos de sua raça no Brasil. Eis o valor deste livro, cujos poemas são extraidos de uma vida simples mas estuante de sentimentos poéticos, com todos seus sofrimentos e sublimações.

A CHINA LUTA PELA LIBERDADE — Ana Louise Strong. — Editorial Calvino Limitada. — A autora que já nos deu uma belíssima obra sobre a União Soviética, neste trabalho nos põe ao corrente das lutas na China. A grande jornalista americana viajou por tôda a China conflagrada e de suas observações nos transmite, as mais amplas impressões, não só da guerra sino-japonesa, mas tambem das lutas internas nas hostes revolucionárias e os progressos, que vão colhendo os comunistas na instrução das populações chinesas tão sofredoras e desprotegidas.

ASIA SOVIÉTICA — R. A. Davies e A. J. Steiger — Editorial Calvino Limitada. — Um livro de viagem e observações sôbre a Rússia Asiática. Por êste livro vamos constatando os grandes progressos da nova civilização soviética em paragens, que anteriormente viviam em estado primitivo e em incrivel pauperismo mas que atualmente se elevaram cultural e industrialmente. Obras desse tipo bem poderiam ser mais editadas, para que pudessemos realizar no Brasil o levantamento de regiões desconhecidas em nosso território.

A QUESTÃO SOCIAL E OS CRISTÃOS SOCIAIS — Editorial Calvino Limitada. — Lisandro de La Torre. — Osório Borba foi o tradutor desse livro, que é uma coletânea de conferências em que se procura esclarecer e localisar os problemas sociais de acordo com os princípios cristãos.

PRINCÍPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA — Lapidus e Ostrovitianov — Editorial Calvino Limitada. — Temos aí um trabalho que interessa particularmente aos estudiosos de economia, atualmente tão em evidência com a fase de reestruturação do mundo. "Principios de Economia Política" é de leitura facil e deve ser lido por todos os que se interessam na solução dos grandes problemas econômico-sociais.

TRÊS PRINCÍPIOS DO POVO — Sun-Yat-Sen — Editorial Calvino Limitada. — Basta o nome do seu autor para despertar interesse pelo livro. Efetivamente, Sun-Yat-Sen, que tanto trabalhou pela renovação da China, com sua obra revela a história da revolução chinesa, doutrinando e se batendo pelos princípios do povo que correspondiam às suas reivindicações.

PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA. MEDICINA NA RÚSSIA — Dra. Esther Conus — Dr. Lelio Zeno — Editorial Calvino Limitada. — Em um só volume reaparecem estes dois livros, que o escritor médico brasileiro Osório Cezar traduziu diretamente dos originais, quando de sua estadia em Moscou. Eis uma obra que interessa especialmente à classe médica e aos demais, esclarece os progressos científicos e sociais na União Soviética. No mesmo volume encontramos tambem o "Programa de Ensino da Faculdade Médico-Cirúrgica da U.R.S.S.", e os "Princípios da medicina soviética".

10 DIAS QUE ABALARAM O MUNDO — John Reed — Editorial Calvino Limitada. — Muito se tem dito sobre a revolução russa, mas esse livro escrito pelo norte-americano que como correspondente de jornais, viveu momentos decisivos lado a lado com os revolucionários bolchevistas. Mereceu de Lenin o elogio: — "Li o livro de John Reed com o maior interesse e atenção constante. Do fundo do coração, recomendo-o aos operários de todos os paises. Meu desejo é que seja traduzido em tôdas as linguas e difundido aos milhões de exemplares". Assim é que Calvino vem de prestar um grande serviço à cultura brasileira principalmente com uma nova edição popular acessivel a um maior numero de leitores.

A QUEDA DE PARIS — Ilya Ehrenburg — Companhia Editora Nacional — Um livro da "Coleção Guerra e Paz", a historia romanceada da capitulação francesa. Um trabalho notavel do escritor soviético que viveu em Paris os momentos que relata. A época do romance vem de 1935, do Governo da Frente Popular, atingindo a guerra da Espanha e chegando aos trágicos dias da queda de Paris. Os personagens são imaginários, mas visivelmente aqueles com quem o autor privou e a muitos o leitor consegue identificar. A tradução é de Monteiro Lobato o que recomenda.

STALIN — *Henri Barbusse* — "Editorial Leitura" — Em boa hora uma ediotra bem orientada entregou aos leitores brasileiros o grande livro de Henri Barbusse.

A figura do genial condutor dos povos da União Soviética está traçada neste trabalho através o mundo novo que surgiu da Revolução de Outubro. Barbusse demonstrou nessa biografia o seu conhecimento profundo dos assuntos políticos-sociais e suas relações exteriores na sexta parte da terra. Lendo agora esta história de Stalin o leitor menos prevenido sentirá a impressão de que o seu autor teve uma visão profética do homem fixado e do que representa concretamente aquilo que nos habituamos a conhecer — a edificação socialista. Ainda mais, ficará com a convicção de que a trajetória de edificação em todos os seus instantes teve o seu seguro e inevitavel significado de vitória, como hoje já se reconhece de uma maneira mais ampla e indiscutivel.

Merece menção especial a tradução assinada por Tatti de Melo Morais e Vinicius de Morais, nomes que por si só recomendariam a leitura do livro.

HELVIDIA

DURVAL SERRA

Os verdadeiros valores artísticos, não são os que se formam em receitas preconcebidas, surgem da necessidade de comunicação entre os homens, nas suas mais variadas modalidades.

Nas artes plásticas, como na poesia e na música, as interpretações aparecem em virtude das criações e brotadas de fontes mais puras e originais.

Nos dias que vivemos, quando, procuramos reintegrar a humanidade com seus verdadeiros valores na marcha para o progresso, dentro de um espírito de unidade, vamos encontrar os legítimos artistas, livres da opressão procurando dar exteriorização a todos os seus anseios intimos, trabalhando e criando, sempre animados por esse desejo de comunicação fraternal. E' o desejo de fazer alguma coisa que seja aproveitável, é o desejo de chegar aos outros homens com suas mensagens de liberdade, sem falsificações, nem amaneiramentos estudados, e sem as deturpações que impressionam os desprevenidos.

Isso é o que se nota em Helvidia Ferreira Leite, essa artista de Curitiba, que vem trabalhando intensamente na sua arte como real maneira de expressão e que atingirá àqueles que verdadeiramente querem a vida justamente vivida. Isso é o que faz dessa pintora um dos valores mais positivos nas artes plásticas do Brasil.

Helvidia constrói sua arte com a sinceridade, dos que realmente pulsam com intensidade, e teem as vistas sempre voltadas para a realidade.

O mundo de Helvidia, está nas coisas e nas criaturas simples e sofridas, cheias de purezas e reivindicações.

De grande senso artístico, suas composições são enternecedoras pela beleza de cores e pela expontaneidade de execução, demonstrando a sua acurada observação, numa forte maneira de expressão.

Conversando sobre essa pintora é Geraldo Moretzsonh quem diz:

—"Helvidia é um dos mais curiosos casos de auto-didatismo na arte moderna do Brasil. "Muito independente, não tem, felizmente, sofrido influências acadêmicas por demais existentes em sua terra natal, onde a pintura — por excesso de fórmulas e inexistência de pesquisas — cada vez mais se afasta da época, do povo, da vida enfim..."

"Descende pela linhagem materna, de uma família de fotógrafos eslovacos, deve ter-se originado daí o extraordinário senso plástico dos seus trabalhos, aliado a uma fôrça de expressão raramente encontrável em temperamento feminino.

Linoleo — Maternidade triste

Linoleo — Desventura

"Acresce que, na própria escolha dos seus temas, Helvidia demonstra o conteúdo humanissimo do seu temperamento, observador e positivo, sem marginalismo nenhum, integrado nas coisas simples da vida."

De Helvidia são as gravuras em linoleo que reproduzimos e bem mostram o vigor com que trabalha a materia, para atingir os assuntos que são sentidos em tôda a plenitude de drama e enlevo.

Memorias do Contabilista Pedro Inacio

MURILO RUBIÃO

Ah! O amor!

O amor de Jandira me custou sessenta mi réis de bonde, quarenta de correspondência, setenta de aspirina e dois anos de completo alheiamento ao mundo. Fora cinquenta por cento de meu cabelo e as despesas feitas com os meus clínicos que, erradamente, concluiram ser hereditária a minha calvice.

Mas os médicos que procurei não entendiam de alma e nem eu, tão pouco, conhecia suficientemente a minha família.

Só mais tarde descobri o êrro dos meus facultativos. Foi Dora, uma espanholinha côr de lírio, que gostava de dança clássica e mascar "chiclets", quem me revelou a origem do meu mal.

Como os bons remedios Dora me ficou barato. Algumas dúzias de "chiclets", cinco bilhetes de festivais de caridade, onde — devo confessar — ela dançou divinamente; uma caixa de ervilhas-de-cheiro e apenas dois envelopes de aspirina.

Tudo por oitenta mil réis!

Em troca dessa ridícula quantia, fiquei sabendo a história de minha família, o motivo da minha atração pelo amor e pela contabilidade.

Antes não soubesse que o meu sentimentalismo era hereditário! Não teria pegado essa mania absorvente de consultar alfarrábios e viver vasculhando árvores genealógicas.

Deste-me, inefável Dora, o ofício mais cansativo do mundo!

Porém a minha mania de escrever não nasceu dos movimentos graciosos de Dora. Não. Teve origem no meu noivado com Amélia. (Como é dispendioso um noivado! Até hoje não me foi possível saber, exatamente, o preço dêsse meu longo romance). Ou melhor, a culpa tambem não foi de minha noiva, como por muito tempo me pareceu. Mas de um meu antepassado, um português beberrão, que chegou a escrever vinte volumes sôbre a utilidade das bebidas espirituosas e doze sôbre a não hereditariedade do vício alcoólico.

Para melhor entendimento dessas minhas memórias, devo dizer que êsse meu ancestral, José Antonio da Câmara Bulhões e Couto, morreu de um síncope cardiaca ao descobrir que dois de seus bisavós tinham falecido em consequência de cirroses de origem alcoólica.

O meu pranteado tio não resistiu à derrocada de suas teorias, criando, dêsse modo, uma exceção estranha na minha família: foi o seu único membro que não desapareceu vitimado pelo amor.

Quem chegar a ler estes escritos, poderá pensar que estou exagerando na afirmação que acabo de fazer. Todavia, incorrerá em grave erro. O desatino amoroso dos componentes de minha família, chegou a tal ponto, que um tio do meu antepassado José Antonio da Câmara, etc., etc., pie doso bispo, possuidor de tôdas as virtudes terrenas conhecidas, e cujos milagres cronistas portugueses, os mais sérios, registam, sucumbiu, em virtude de uma paixão. Sim. De uma paixão!

Isso se deu quando, vindo das Indias, de volta a Portugal, o bergantim em que viajava foi assaltado por piratas chineses, que conduziram tôda a tripulação e passageiros do navio para a China.

Neste país, o virtuoso bispo, por uma dessas enigmáticas circunstâncias que só o diabo pode explicar, veio a se apaixonar por uma chinesa excepcional. Excepcional, porque comia arroz com as mãos, em vez de com os clássicos pauzinhos.

Pobre bispo! Êle que tantos milagres fizera nas Indias e em Portugal, não conseguiu que a anti-convencional chinezinha lhe dedicasse uma parcela siquer do seu meigo coração oriental!

E numa tarde brumosa — descrição vai por minha conta e fantasia — entre juncos, papoulas e flores de lotus, faleceu murmurando o nome da paganíssima Luchú-tzé. (Que em paz esteja a sua alma, que a do meu tio padre, por certo está).

Mas de todos os Bulhões, o mais notável foi o meu tataravô, Pedro Inácio, cujo nome herdei. Um lírico, o meu tataravô Pedro Inácio!

Usava fraque, monócculo, e todas as tardes reunia os escravos de sua fazenda para ouví-lo recitar os mais belos trechos da literatura francesa.

E tamanha era a sua loucura pelas artes que aos seus negros deu nomes de todos os grandes pintores, músicos e poetas da humanidade.

Quando moço, foi o maior conquistador de minha terra. Casado, cedeu lugar a seu irmão Acácio, passando a ser o segundo.

Mas a morte de sua esposa estava destinada a atrapalhar toda a sua vida. Quís ser novamente o maior D. Juan da cidade, sem se lembrar que a idade lhe traía. Neste ponto começa a sua odisséia. Passa, como um judeu errante, a peregrinar pelas fazendas de seus filhos e sobrinhos, procurando conquistar noras e sobrinhas.

Conta-nos o meu avô que, em certa ocasião, pernoitando em uma fazenda, onde eram numerosas e lindas as moças, coincidiu que o quarto dado ao avô Pedro Inácio ficasse junto ao de um dos ocupados por aquelas. E como as paredes não chegassem até o teto, alta noite, êle as escalou e saltou. Contudo, não foi feliz no seu intento: não contara com a perspicácia dos donos da casa, nem com uma pequena dispensa que separava o seu aposento do das moças.

No dia seguinte foi encontrado morto, vítima de uma fratura na espinha. Morrera gloriosamente, buscando o amor, entre queijos e cebolas.

Seu irmão Acácio, entretanto, não se casou. Tinha um grande instinto turístico que o levava a perseguir as mulheres onde quer que elas fôssem.

Certa vez, pela cidade, passou uma companhia de óperas, cuja prima-dona era dotada de rara beleza. E lá se foi o meu tio Acácio com atriz, companhia etudo.

Percorreu vários paises, assistiu a mil e tantas representações, aplaudindo com um calor sempre renovado a sua bela amante.

Mas como se lhe acabasse o dinheiro e já fôssem raros os seus presentes em espécie e papel, foi abandonado, no Havre, onde morreu. Não se sabe se de fome ou paixão. Os da minha família preferem dizer que em razão dêsta última, pois Acácio é para êles um belo exemplo de fidelidade sentimental. Além de belo, o único entre os seus componentes.

Tio Paulo, o mais moço dos irmãos do avô Pedro Inácio preferia jogar damas, contar anedotas picantes e dar beliscões nas nádegas das escravas. Por limitar as suas conquistas ao elemento africano e a sua cultura a histórias fracárias, foi propositadamente banido da crônica de minha família.

Todavia, não se envergonharam os seus irmãos, quando da partilha da herança paterna, de o lesarem, dando-lhe, em vez das melhores partes, as melhores negras.

Nem por isso sentiu-se roubado e dizia sempre, quando alguem lhe queria insinuar o contrário:

— Sou grato a meu pai pelo gôsto apurado em escolher suas escravas e a meus irmãos por não lhe reconhecerem essa qualidade.

Combalido por terrível moléstia (por que não dizer lepra?), que aos poucos lhe arruinava o físico e já sem recursos para tratar-se, preferiu dar alforria às suas escravas a vendê-las. Estas, por seu turno, não o abandonaram e até a sua morte proveram o sustento dêle com o fruto de seu próprio trabalho.

Quase agonizante, cercado pelo carinho e pela dedicação de suas mulheres, balbuciava continuadamente:

— O outro mundo não me assustaria tanto se me garantissem ser negras as onze mil virgens de Maomé.

Deus meu! Não terminarei minhas memórias. O homem põe e os seus antepassados dispõem. Acabo de fazer uma descoberta espantosa. Não sou filho de meu pai, nem de minha mãe!

Vim a ter conhecimento dessa desagradável revelação, outro dia, por acaso, discutindo as minhas teorias sôbre a hereditariedade com o médico que assistiu o verdadeiro parto da minha pretensa mãe. Disse-me êle, num momento em que as minhas réplicas o

NOTÍCIAS GRÁFICAS

O Comité Democrático dos Trabalhadores Gráficos iniciou, a 30 de Junho, a publicação de seu Boletim semanal — *Notícias Gráficas*. Em pequeno formato, o órgão do C.D.T.G. se apresenta com excelente aspecto gráfico, além de manter um notciário de legítimo interêsse para as atividades democráticas da classe que é um dos esteios da cultura brasileira.

Além de sua finalidade notadamente educacional, o Boletim é um verdadeiro instrumento de confraternização. Os seus organizadores merecem os mais calorosos aplausos e que tão importante trabalho sirva de exemplo a outros grupos profissionais.

O Boletim do C. D. T. G.

Aqui está o primeiro numero de "Noticias Gráficas". Representa ele mais um esfôrço do Comité Democrático dos Trabalhadores Gráficos no sentido de unificar e congraçar em tôrno de uma só bandeira — a da Democracia — toda a familia gráfica brasileira.

"Noticias Gráficas", que aparecerá semanalmente, não tem côr politico-partidária e surge apenas para estampar em suas pequeninas colunas as grandes aspirações da corporação gráfica e, a par disso, as atividades do C. D. T. G..

Dêste modo, "Noticias Gráficas" é uma tribuna aberta a todos os companheiros, a todos os quadros oficinais, que queiram expressar um determinado ponto de vista, defender esta ou aquela idéia ou expor uma situação.

Com um programa de tal natureza, "Noticias Gráficas" objetiva o contacto mais intimo de todos os companheiros, que, intercomunicando-se através de suas colunas, se compreenderão melhor e poderão com mais segurança estreitar os laços de sua solidariedade.

E' necessário que todo o gráfico tome conhecimento do que se passa a seu próprio respeito, e isto não conseguirá se particularizar êsse conhecimento ou enquadrá-lo nos limites restritos de um grupo oficinal.

Assim, com "Noticias Gráficas", teremos uma visão panoramica do que acontece entre nós, o que facilitará a luta sem esmorecimentos para a completa unificação dos gráficos.

Perdem o tempo...

LOURIVAL COUTINHO

Neste momento histórico de evolução politica do país, o trabalhador brasileiro encontrou seu justo lugar. Está cumprindo seu dever na frente interna como o cumpriu na externa o soldado glorioso da F.E.B.. Nem outra poderia ser a atitude do nosso trabalhador em face do que dele vem convocando a Democracia. Desmentiria suas tradições de vanguardeiro da Liberdade se, nesta hora de Emancipação, desertasse da luta em que sempre se empenhou e em que, agora, se empenha o Brasil inteiro. Contraditaria a si mesmo se se pusesse á margem do que vem ocorrendo no sentido da instituição, entre nós, de um mundo melhor, mais livre, mais justo e mais compensador. E não seria bastante sua solidariedade platônica ao movimento democrático que ora se processa para a redenção politica da nacionalidade. Como a indiferença, a solidariedade platônica apenas, neste momento, implicaria num crime. Crime de lesa-Democracia. Ela exige mais do que a simples adesão de simpatia. Exige ação. Ação efetiva, continuada e desassombrada. Porque não basta tenha sido salva a Democracia nos campos de batalha da Europa. E' preciso que a preservemos. E sem luta, luta dura e tenaz, não se conseguirá mantê-la de pé, porque seus inimigos odiosos, os reacionários de tôda ordem, persistem na tentativa diabólica de enfraquecer-lhe os alicerces. Deste modo, a luta deve continuar, cada vez mais acesa, cada vez mais dedecidida, até o extermínio do ultimo fascista sôbre a terra.

*

O trabalhador gráfico não poderia alheiar-se á campanha patriótica e progressista em que se integram efetiva e entusiásticamente, dentro da ordem e da lei, os seus companheiros de outras corporações.

Combatente de primeira linha que sempre foi, o trabalhador gráfico tinha o seu lugar de direito reservado nas fileiras democráticas. E este lugar, ele o ocupou de fato e imediatamente sob a égide do seu "Comitê" de luta e ação, o qual é já uma realidade incontrastavel.

Não obstante isto, é preciso fortalecer ainda mais este "Comitê" gráfico de democratização, pois que, tal qual ocorre quanto ás demais corporações de trabalhadores, os liberticidas, os democraticidas teimam na sua tarefa subrepticia de solapar o movimento redentor do

(Conclue na 2.ª pág)

Reajustamento de salario

A Corporação Gráfica do Rio de Janeiro, a exemplo de outras corporações, pleiteia aumento de sálarios.

Nada mais justo e mais humano do que a concessão desse aumento, pois, não só o alto preço das utilidades, como também, o nivel de vida a que faz jús o trabalhador gráfico o torna merecedor desse reajustamento, já que o seu salário por demais desajustado e em flagrante inferioridade aos de outras corporações não menos dignas, punha em brios a sua dignidade profissional, para a execução da qual é necessário, senão cultura, pelo menos alfabetização, para melhor desenvolvimento do seu tirocinio profissional e mais vasto conhecimento da arte que lhe proporciona os meios de subsistência.

Confrontando o salário do gráfico com o de outras corporações, vemos uma desproporcionalidade tamanha que somente se explica pelo descaso e pela indiferença ocasionados por fatores diversos, bem do conhecimento de todos nós, e agravados pela falta de orientação justa que procurasse realizar a união de todos os gráficos como gráficos, independente de qualquer injunção politico-partidária, visando unicamente ao bem moral e material da corporação.

E hoje encetamos, nós os gráficos, o movimento pelo aumento de salário e caminharemos lutando pela concretização de um mundo melhor.

Os gráficos querem aumento de salário, honesta e pacificamente pleiteado pelo seu órgão representativo — o Sindicato —, para o qual convergem as vistas da corporação, e nós daqui apelamos para que nele ingressemos, certos de que só unidos venceremos hoje, amanhã e sempre.

punham embaraçado e nervoso, que eu apenas substituira um abôrto.

Como a minha verdadeira mãe não tivesse sobrevivido ao meu nascimento — explicou-me o médico — e fôsse difícil saber, entre os homens que freqrentavam a sua casa, qual seria o meu pai, trocaram-me pelo feto da minha mãe adotiva.

Desilusão das desilusões! Agora não posso mais saber a causa da minha atração pelo amor e a razão da minha calvície. E de pensar que nos meus estudos genealógicos gastei seis contos, duzentos e trinta e cinco mil e quinhentos réis, sinto vontade de destruir o mundo.

Apenas uma coisa me consola: a quéda das minhas teorias não beneficiará os meus clínicos. Entre os vinte cidadãos que o dr. Damião Correia afirma estar o meu pai, não há um calvo siquer.

Não tenho mais ganas de esfacelar o mundo. Dora, que no princípio destas memórias, erradamente, pensei ter me custado apenas oitenta mil réis (não sabia naquela época em quanto me iam ficar as minhas pesquisas genealógicas), apareceu ontem, ante os meus olhos, com grande surpreza de minha parte. Há dois anos não a via. E foi com excessivo pasmo que a encarei, vendo-a na minha frente carregando setenta quilos de peso naquele corpo que um dia pertencera a um cisne.

Infeliz Dora! Não pude conter a minha piedade ao vê-la gorda, sem a sua antiga harmonia de movimentos, sem a graciosidade de formas, que por longo espaço foi o encanto dos meus olhos. Mesmo no seu olhar já não mais existia aquela ternura de lírios em plena primavera e que tanto bem fazia aos que dela se aproximavam.

Conversamos pouco. O bastante para espedaçar a minha alma e saber que ela retornava de um sanatório, onde deixara encerrado todo o seu belo sonho de levar a existência bailando para os homens.

Quando cheguei a casa, tive remorsos de não ter dito a Dora umas palavras de consôlo. De não lhe ter falado, com muita ternura, que eu também era demasiado infeliz.

Mas durante os poucos minutos que conversamos, nada disso lhe pude dizer, porque a agonia de segurar uma pergunta, que a todo custo queria desprender-se dos meus lábios, não me permitiu. Foi uma tarefa ingente a de conter a minha curiosidade em saber dela em quanto ficara a sua estada no sanatório. Estava bastante desconfiado de que Dora gastara bem mais do que eu nos meus estudos de genealogia.

Porém da próxima vez em que nos encontrarmos, isso não se repetirá. Estou firmemente decidido. Hei de me encher de coragem e lhe perguntar o preço exato em que ficou a sua moléstia.

"VENTO SUL"

DIAS DA COSTA

A característica mais singular desse delicioso livro de Norman Douglas é, sem dúvida, a sua completa inatualidade. Mas, dizer somente inatualidade, é, também, dizer muito pouco, porque o que nêle existe de inatual, de quase anacrônico para a hora que estamos vivendo, não é o mundo que o autor focaliza em suas páginas, mas, sobretudo, a maneira por que encara e revela êsse mundo. Dir-se-á, talvez, que tratando-se de um livro escrito em 1917, não admira que tal aconteça. Entretanto, se considerarmos que nessa época a primeira guerra mundial lavrava em todo o seu horror, que um mundo social era agitado pelas convulsões mais violentas, veremos que êsse livro já estava inteiramente afastado da própria hora em que foi escrito.

Escrito já em pleno século XX, "Vento Sul" continua sendo um legítimo documento literário do século XIX. Nada de construtivo, de documental, de fixador de um momento da humanidade pode ser encontrado nesse romance. Parece que outra finalidade não houve senão a da construção artística pura e simples, dirigida num sentido satírico e dissolvente, de destruição apenas, sem nada sugerir em lugar das coisas satirizadas. Mas, apesar de tudo isso, que delícia espiritual representa a leitura de "Vento Sul"! Cerebral e erudito, o autor tem tôdas as possibilidades de se empregar com o maior sucesso na prática de verdadeiras acrobacias mentais, jogando com a cintilação dos seus paradoxos, com as sutilezas de sua prosa das mais vivas e sedutoras. A sátira que está presente em tôdas as páginas é dirigida indeferentemente contra os homens e as sociedades, sêres humanos e idéias, fórmulas morais e preconceitos, religiões e superstições, postulados científicos e doutrinas quaisquer. Cético e "blaguer", não se detém o autor diante de nenhuma forma de respeitabilidade, subordinando, mesmo, qualquer manifestação de virtude ou de vício a simples causas inteiramente fortuitas e alheias à vontade dos homens. Muito de Anatole France, de Wilde, de Voltaire está sempre presente nesse pequeno grande mundo que o autor situou na minúscula e imaginária ilha de Nepente, pedaço de terra perdido nas águas do Mar Mediterrâneo, crestado pelo bafêjo môrno do sirôco que sobe do continente africano. Aí se agitam à tôa vários padres católicos, um silencioso bispo protestante, numerosos bêbedos sem profissão, um jovem e belo universitário sem rumo, um geólogo judeu e sensual, um conde italiano amante da escultura clássica, um extranho apóstolo russo com seus extranhos adeptos, um chantagista londrino, um aventureiro internacional de Londres, um patife que representa a lei local, um milionário americano com o seu indispensável iate de recreio, um gosador amoral e rico, uma senhora dipsomana, uma dama inglesa que tem um drama passional a resolver, uma vasia senhora gorda que deseja conquistar o céu, um grande número de tipos dos mais variados, mas nenhum inteiramente normal, vivendo todos em um clima que não peca pela normalidade. Em tal clima e com tal gente as formas normais de vida deixam de ter o sentido geralmente aceito. A avaliação de valores é inteiramente arbitrária, nenhuma virtude comum resiste aos imperativos destruidores do ambiente de exceção, nada se salva incólume sob a ação de reagentes dos mais corrosivos. Uma revisão completa dos princípios habituais vai-se impondo aos que chegam à ilha, até que um dia êles verificam surpreendidos que no mundo em que estão vivendo tais princípios já não têm qualquer significado. Para onde teriam emigrado a moral, a virtude, a honra, o senso do bem e do mal geralmente aceitos no mundo comum?

E' isso exatamente o que acontece ao respeitável bispo britânico, enquanto sopra o sirôco ou a cinza vulcânica se despeja sôbre a ilha. Como julgar agora aquêle crime que se perpreta diante de seus olhos atônitos? Poucos dias bastaram para destruir um mundo que êle supunha indestrutível, para fazer com que algo de diferente surgisse no seu íntimo, com tal fôrça que o impedirá, para o resto de sua vida, de continuar a ser o que era antes, um respeitável e simples bispo da respeitabilíssima igreja britânica. Isso não mais será possível, depois de conversar longas horas com Keith, de assistir às procissões católicas destinadas a clarear o céu e parar a chuva de cinzas, de ver a dama inglesa que se despe na rua quando está bêbada, de presenciar o homem que é lançado para a morte pela mão virtuosa de sua prima, tudo isso originado pelos impulsos mais diversos, impulsos que êle agora é obrigado a encarar por ângulos que jamais admitira antes.

Mas, nem um só drama tem aspecto real-

As mulheres lutam pela democracia no Comité da Gavea

Z. S.

O sentimento da democracia germina no coração do povo Ouvimos a voz do mundo, mistura dos gemidos dos campos de batalha, do riso das cidades libertadas, e dos brindes da vitória, clamando a compreensão e a boa vontade.

Foi um apelo de amor e paz aos homens — para que se irmanassem sem ódio nem rancor. Os comités de bairro, que prosperam em tôdas as cidades, são como grandes reuniões em que todos se encontram para contar as dificuldades da vida, procurar melhorias, trocar idéias, e destas coisas simples nasce a confiança, que é o princípio de uma verdadeira con fraternização.

As dúvidas são esclarecidas, e o estudo das condições sociais, dá a cada um a conciência de sua dignidade humana. Quando uma mulher propõe numa assembléia de amigos, a solução de uma necessidade geral, e é aprovada, ela sabe que poderá melhorar o destino de tôda a comunidade e percebe a importância de uma idéia justa.

As mulheres brasileiras estão concientes de suas obrigações políticas. Não exagero nem procuro valorisar demagogicamente a capacidade feminina. Confio no progresso de nossa terra, porque a pátria de amanhã, é o país dos filhos destas mulheres, que sabem lutar pela democracia.

Vou citar um exemplo do valor feminino, que justificará meu entusiasmo.

O comité da Gavea funciona numa escola da Praça Santos Dumont. Nas cadeiras minuscutas das crianças, vi homens e mulheres de tôdas as classes sociais, criaturas que labutam o dia inteiro, discutirem animadamente, até tarde, os mais áridos problemas sociais. Vi uma mocinha operária falar sôbre a necessidade da educação, vi uma velha lavadeira explicar porque falta água, uma dona de casa analisar a carestia da vida, a agonia das filas, a falta do leite e da carne.

Este comité convoca reuniões mistas, possuindo tambem o seu Departamento Feminino.

Uma das lutadoras da Gavea, Dulce Teitelroit, me disse que em vista do comité, ser novo no bairro, as mulheres ainda não se acostumaram a discutir em assembléias, e até perderem o acanhamento, se sentirão melhor numa reunião feminina, mas com o tempo, o Departamento tenderá a desaparecer, fundindo-se ao comite.

Rachel Lobo, é uma das encarregadas do trabalho de arregimentação e politisação, que o Departamento está fazendo, em todos os parques e vilas operárias. A comissão vai de casa em casa, explicando as finalidades do comite, as vantagens da organização do povo e fazendo o levantamento dos problemas. Visita a creche, as instalações sanitárias, a escola, o clube, o consultório médico e a administração. Depois de se informar de tudo quanto se refere ao local, ensina aos vizinhos como devem pedir a melhoria das suas condições de vida. Forma então um pequeno centro, pois para muitos moradores é quasi impossivel o comparecimento às reuniões do Comité. Mães de filhos pequenos, por exemplo, não podem sair à noite.

Este esfôrço tem dado ótimos resultados. Muitas das moças que hoje frequentam o comite, e se destacam no trabalho, foram encontradas pela comissão nos parques e vilas. Outra atividade muito louvavel do Departamento é o incentivo à alfabetização. Dra. Aragão, me explica que a lei eleitoral, nega o voto aos analfabetos. Seus olhos que connecem e amam o povo, se entristecem: — "São tantos os que perderão o direito de exprimirem sua vontade pelas urnas... por isso resolvemos escalar turmas de alfabetisadoras, para darmos ao maior número de pessoas que podermos, a possibilidade de exercer esse ato democrático. Pedimos a colaboração dos companheiros e eles vão nos ajudar".

Guiomarina Jurandir, a secretária do Departamento Feminino, me contou que, em vista de estar o comité da Gavea, apoiando a Convenção do Distrito Federal, o Departamento Feminino, está ventilando os problemas que tocam mais as mulheres, tais como: a questão do amparo à maternidade e infância, educação, alimentação, etc. Para a convenção, serão enviadas téses, sôbre êstes assuntos, onde serão pedidas as soluções propostas pelas comissões encarregadas de estudá-las. A convenção receberá téses sobre todos os problemas que preocupam o povo para se poder conhecer o que êle realmente quer.

As mulheres do comité da Gavea, trabalhando, estão contribuindo para o progresso do Brasil.

---

mente dramático, apresentados como são de maneira irônica e cética. De qualquer modo, dissolvente como seja, inútil como se apresente, a leitura de "Vento Sul", apesar de tudo e contra tudo, representa um raro prazer. Prazer um pouco mórbido, não há dúvida, cerebralíssimo, sem qualquer discussão, mas um intenso prazer. Porque aí, da primeira à última página, o talento e a cultura do autor estão sempre presentes. E como para muitos o que vale em arte é "poner talento", muitos serão os leitores deslumbrados de "Vento Sul". Principalmente os apologistas da arte pela arte, os "snobs", e os que acham que onde há inteligência tudo mais está justificado.